



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

1

NOÇÕES GERAIS E PRINCÍPIOS
BÁSICOS

Astolfo Olegário de Oliveira Filho



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

1

NOÇÕES GERAIS E PRINCÍPIOS BÁSICOS

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

Data de publicação: 30/4//2021

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina - Paraná – Brasil

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

O47i	<p>Oliveira Filho, Astolfo Olegário.</p> <p>Iniciação à doutrina espírita: 1 - Noções gerais e princípios básicos / Astolfo Olegário Oliveira Filho; revisão de Thiago Bernardes; capa de Cláudia Rezende Ribeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2021.</p> <p>137 p.</p> <p>1. Espiritismo-estudo e ensino. 2. Doutrina espírita-história. 3. Kardec, Allan-codificação espírita. 4. Hydesville-fenômenos. 5. Mesas girantes-fenômenos. I. Bernardes, Thiago. II. Ribeiro, Cláudia Rezende. III. Título.</p> <p>CDD 133.9 19.ed.</p>
------	---

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

Ao Leitor, 5

Sobre o Autor, 7

1. Os precursores da revelação espírita, 8
2. Os fenômenos de Hydesville e as mesas girantes, 13
3. Allan Kardec, sua vida, sua obra e seu método, 18
4. Caráter da revelação espírita, 24
5. As obras básicas do Espiritismo, 29
6. O tríplice aspecto do Espiritismo, 36
7. O Consolador prometido por Jesus, 41
8. Provas da existência de Deus, 45
9. Atributos da Divindade, 49
10. A Providência Divina, 54
11. Provas da sobrevivência da alma, 59
12. Origem e natureza dos Espíritos, 64
13. A alma humana, 68
14. A influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos, 72
15. Comunicabilidade dos Espíritos, 76
16. Mediunidade: conceito e tipos, 81
17. Mediunidade com Jesus, 86
18. Penas e gozos futuros: duração das penas, 90
19. Livre-arbítrio e responsabilidade, 94
20. O arrependimento e o perdão, 99

21. Finalidade da reencarnação e seu processo, 104
 22. Fundamentos e consequências da reencarnação, 110
 23. Justiça e necessidade da reencarnação, 115
 24. Diferentes categorias de mundos habitados, 120
 25. Mundos transitórios e esferas espirituais, 124
 26. A Terra: planeta de provas e expiações, 130
- Bibliografia, 135

Ao Leitor

Publicada com o título geral de **Iniciação à Doutrina Espírita**, esta obra tem por alvo as pessoas que estão dando seus primeiros passos em matéria de Espiritismo. Trata-se, pois, de uma publicação cujo propósito é preparar o leitor iniciante para que, dotado de um conhecimento preliminar sobre os ensinamentos espíritas, possa na sequência aprofundar-se no estudo da obra de Allan Kardec e de seus continuadores.

A série compõe-se de 5 volumes:

1º volume

Iniciação à Doutrina Espírita:

1 - Noções gerais e princípios básicos

2º volume

Iniciação à Doutrina Espírita:

2 - As leis morais segundo o Espiritismo

3º volume

Iniciação à Doutrina Espírita:

3 - Aspecto científico do Espiritismo

4º volume

Iniciação à Doutrina Espírita:

4 - Aspecto filosófico do Espiritismo

5º volume

Iniciação à Doutrina Espírita:

5 - Aspecto religioso do Espiritismo.

Conteúdo deste volume

O e-book ora publicado, primeiro da série **Iniciação à Doutrina Espírita**, é formado por 26 capítulos e apresenta, como diz o subtítulo do livro, noções gerais e princípios básicos concernentes ao Espiritismo.

Os sete primeiros capítulos do livro focalizam os seguintes assuntos:

1. Os precursores da revelação espírita
2. Os fenômenos de Hydesville e as mesas girantes
3. Allan Kardec, sua vida, sua obra e seu método
4. Caráter da revelação espírita
5. As obras básicas do Espiritismo
6. O tríplice aspecto do Espiritismo
7. O Consolador prometido por Jesus.

Nos dezenove capítulos seguintes, os assuntos são relacionados com os cinco princípios fundamentais do Espiritismo: Existência de Deus; Imortalidade da alma; Comunicação entre o mundo material e o mundo espiritual; Reencarnação, e Pluralidade dos mundos habitados.

Sobre o Autor

Astolfo Olegário de Oliveira Filho é diretor de redação do jornal espírita "O Imortal" e da revista espírita **O Consolador**, fundada em 18/4/2007 por ele e seu colega José Carlos Munhoz Pinto.

Natural de Astolfo Dutra (MG), reside desde os 18 anos em Londrina (PR), cidade para a qual se mudou com vistas a cursar a faculdade, graduando-se então no curso de Ciências Econômicas.

Filho de pais espíritas – Astolfo Olegário de Oliveira e Anita Borela de Oliveira –, é casado com Célia Maria Cazeta de Oliveira, sendo pai de quatro filhos e avô de sete netos.

Escreveu e manteve por 13 anos, de 1980 a 1992, a coluna "Espiritismo" publicada aos domingos pela "Folha de Londrina".

É autor do livro "20 Lições sobre Mediunidade", publicado inicialmente em novembro de 2003 pela Editora Leopoldo Machado e posteriormente, no formato digital, pela EVOC.

Participa das atividades do Centro Espírita Nosso Lar, de Londrina (PR), onde atua como esclarecedor em grupo espírita de desobsessão e como coordenador dos estudos realizados pelo Grupo de Estudos Espíritas Abel Gomes.

Colabora também na Comunhão Espírita Cristã de Londrina, instituição localizada na periferia da cidade, da qual é, ao lado de sua esposa e vários amigos, um dos fundadores.

Fundou e dirigiu a Editora Leopoldo Machado e é atualmente diretor da EVOC - Editora Virtual O Consolador, de Londrina (PR), sendo também editor do blog Espiritismo Século XXI – <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/>

Os precursores da revelação espírita

Sumário: Notícias espíritas antes de Kardec. Os fenômenos espíritas e a Bíblia. Recomendações de Paulo de Tarso e João Evangelista a respeito das manifestações espíritas. Precursores das ideias espíritas.

Antiguidade dos fenômenos espíritas

1. Os fenômenos cujos estudos resultaram na estruturação da Doutrina Espírita não eclodiram numa data determinada. As interferências das forças exteriores inteligentes têm ocorrido desde tempos imemoriais, como registram os livros de História.

2. Na Bíblia vemos o rei Saul conversando com o Espírito de Samuel, que o monarca havia evocado, e Jesus, às vésperas de sua prisão e morte, recepcionando as visitas dos Espíritos de Elias e Moisés materializados.

3. Segundo Louis Jacolliot, em épocas bastante recuadas no tempo os padres iniciados nos mosteiros preparavam os faquires para evocação dos mortos, com a obtenção dos mais notáveis fenômenos. E o missionário Huc refere-se a grande número de experiências de comunicações com os mortos registradas na China.

Os conselhos de Paulo e João evangelista

4. O apóstolo Paulo de Tarso, em suas epístolas, reconheceu a prática dessas manifestações entre os cristãos primitivos, como podemos ver nos textos seguintes:

"Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. Porque

o que fala em outra língua não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, para edificação, exortação e consolação." (I Coríntios, 14:1 a 3.)

"Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o bem." (I Tessalonicenses, 5:19 a 21.)

5. João evangelista também se referiu às manifestações espíritas, alertando-nos quanto à necessidade de se examinarem tais comunicações:

"Amados, não acrediteis em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo." (I João, 4:1 e 2.)

Conan Doyle e a invasão organizada

6. Na Idade Média não podemos esquecer os episódios que levaram à morte na fogueira a grande médium Joana d'Arc, que se recusou a renegar as vozes espirituais que lhe falavam, o que levou à sua condenação.

7. É, no entanto, em anos mais recentes que podemos situar melhor a fase precursora do Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus. Como bem acentuou Arthur Conan Doyle em sua *História do Espiritismo*, a diferença entre os fatos desta última fase e os fenômenos da antiguidade está em que estes últimos eram esporádicos, não obedeciam a uma sequência metódica, enquanto os fenômenos da era moderna "têm as características de uma invasão organizada". (*História do Espiritismo*, pág. 33.)

8. No século anterior ao advento do Espiritismo vamos encontrar na Suécia o sensitivo Emmanuel Swedenborg, engenheiro militar, zoologista, anatomista, financista, político, além de insigne teólogo, dotado de largo potencial de forças psíquicas.

Os precursores da revelação espírita

9. Já na infância Swedenborg registrou em si o fenômeno da vidência, numa continuidade que se prolongou até a morte, embora suas faculdades se tenham tornado mais intensas a partir de abril de 1744. Desde então – escreveu Swedenborg – "o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos".

10. Outro notável precursor, digno de menção, foi Franz Anton Mesmer, médico, fundador da teoria do magnetismo animal. Em 1775 Mesmer reconheceu o poder da cura mediante a aplicação das mãos. Acreditava ele que por nossos corpos transitam fluidos curadores, preparando o caminho para o Hipnotismo de Marquês de Puységur. Das pessoas que buscam o recurso do passe magnético nos Centros Espíritas, poucas certamente ignoram a influência de Mesmer sobre essa atividade tão conhecida no meio espírita.

11. Outros fenômenos dignos de registro ocorreram nos Estados Unidos com Andrew Jackson Davis, considerado por Arthur Conan Doyle o profeta da Nova Revelação. Os poderes psíquicos de Davis começaram na infância, quando ele ouvia vozes de Espíritos que lhe davam conselhos. À clarividência seguiu-se a clariaudiência. Certa vez, em 6 de março de 1844, Davis foi tomado por uma força que o fez voar da pequena cidade onde residia e fazer uma viagem até as Montanhas de Catskill, distante 40 milhas de sua casa.

12. Davis em seu livro *Princípios da Natureza*, de 1847, previu a eclosão dos fatos que dariam surgimento ao Espiritismo, o que efetivamente ocorreu no ano seguinte. Diz Conan Doyle que para nós "o que é importante é o papel representado por Davis no começo da revelação espírita". "Ele começou a preparar o terreno, antes que se iniciasse a revelação. Estava claramente fadado a associar-se intimamente com ela, de vez que conhecia a demonstração de Hydesville, desde o dia que ocorreu."

Questões para fixação da leitura

1. O Espiritismo sempre existiu?

Os fenômenos cujos estudos resultaram na estruturação da Doutrina Espírita não eclodiram numa data determinada. As interferências das forças exteriores inteligentes têm ocorrido desde tempos imemoriais, durante todo o curso da História até o advento da 3ª Revelação no Ocidente. Podemos, então, dizer que o Espiritismo sempre existiu, embora como doutrina tenha surgido com a publicação d'*O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857.

2. Há notícias de ideias espíritas antes de Kardec?

Sim. O Antigo e o Novo Testamento são pródigos em fenômenos e em ideias espíritas, como a possibilidade da evocação dos mortos e a necessidade de se examinar o conteúdo das comunicações espíritas proposta por João Evangelista. Mais próximos da codificação kardequiana, mas anteriormente a Kardec, a história registra os livros produzidos por dois grandes sensitivos: Swedenborg, na Europa, e Andrew Jackson Davis, nos Estados Unidos.

3. Mencione dois fenômenos citados na Bíblia que se refiram a comunicações dos mortos.

No Antigo Testamento, o diálogo entre o rei Saul e o Espírito de Samuel, narrado no Livro de Reis. No Novo Testamento, a visita feita a Jesus pelos Espíritos de Elias e Moisés materializados.

4. Que disseram Paulo de Tarso e João Evangelista a respeito das manifestações espíritas?

Paulo escreveu: "Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. Porque o que fala em outra língua não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, para edificação,

exortação e consolação" (I Coríntios, 14:1 a 3). João Evangelista recomendou: "Amados, não acrediteis em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo" (I João, 4:1 e 2).

5. Na era moderna, quais foram os precursores das ideias espíritas?

Emmanuel Swedenborg, Franz Anton Mesmer e Andrew Jackson Davis.

Os fenômenos de Hydesville e as mesas girantes

Sumário: O vilarejo de Hydesville. Época em que os fatos ocorreram. Características dos fenômenos. Importância de Hydesville no advento do Espiritismo. As mesas girantes. Posição do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail ante os fenômenos.

Hydesville e o advento do Espiritismo

1. Em 31 de março de 1848, no singelo vilarejo de Hydesville, no Condado de Wayne, no estado de Nova York, ocorreram certos fatos inabituais que abalaram a opinião pública da época. Eram ruídos, pancadas, batidas, designados em inglês pelo vocábulo "raps".

2. Os ruídos insólitos atraíram a atenção da imprensa norte-americana, tornando-se objeto de investigação por parte de numerosos observadores, a tal ponto que o dia 31 de março de 1848 é considerado como o marco inicial do Moderno Espiritualismo, nome com que os americanos designavam então o Espiritismo.

3. Os fenômenos se deram em uma tosca cabana, onde residia a família Fox: o Sr. John, a Sra. Margareth e suas filhas Kate e Margareth. Os fatos, a partir do primeiro diálogo do Espírito com a Sra. Fox, ocorrido na noite de 31 de março, empolgaram a população do lugar, ocasionando depois as primeiras demonstrações públicas realizadas na cidade de Rochester, do que resultou a formação do primeiro núcleo de estudos dos fatos espíritas na América.

4. As manifestações ruidosas na casa do Sr. Fox foram produzidas pelo Espírito de um mascate que se identificou

dizendo chamar-se Charles Rosma, que fora assassinado e sepultado no porão daquela cabana. Para que o Espírito se comunicasse, ele se valeu das faculdades mediúnicas das meninas da casa, Kate e Margareth, que se revelaram excelentes médiuns.

5. Na noite do primeiro diálogo com Charles Rosma, um dos moradores do vilarejo sugeriu fosse adotado um método para a comunicação do Espírito, em que cada letra do alfabeto correspondesse a determinado número de pancadas. Estava, pois, descoberta a "telegrafia espiritual", que foi o processo adotado, posteriormente, na fase das mesas girantes.

As mesas girantes

6. Em 1850, quando a repercussão dos fenômenos já era muito grande na América, a senhora Fox e suas três filhas – Kate, Margareth e Leah – passaram a realizar sessões públicas em Nova York, no Hotel Barnum, atraindo muitos curiosos. Havia então nos Estados Unidos diversos grupos espíritas em atividade e era grande o número de adeptos do movimento, apesar das investidas da imprensa, que de modo geral atacava os fenômenos e as médiuns.

7. A relevância dos acontecimentos pode ser assinalada pela sua ressonância na esfera científica, visto que os fatos atraíram o interesse de pesquisadores de alto nível cultural, como Dale Owen, o juiz Edmonds e anos depois, na Inglaterra, o físico William Crookes e muitos outros.

8. A divulgação dessas experiências e, a seguir, a conversão do juiz Edmonds, materialista que rira da crença nos Espíritos, pasmaram os norte-americanos, aumentando ainda mais o interesse pelas manifestações. A notícia chegou logo à Europa, onde iria despertar as consciências e preparar, conjuntamente com os fenômenos das mesas girantes, o advento da Doutrina Espírita.

9. Na Europa, os fenômenos tomaram outra forma. Surgiu então o curioso fenômeno das mesas girantes, que chamaram a atenção do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail para o estudo atento das manifestações espíritas.

10. Em seguida, depois da fase das mesas que giravam e respondiam às perguntas por meio de pancadas previamente convencionadas, surgiu a chamada psicografia indireta, em que o médium se utiliza, para escrever, de um lápis preso a uma mesinha ou prancheta, precedendo assim a psicografia que bem conhecemos atualmente – a psicografia direta –, em que o médium segura diretamente o lápis ou a caneta para registrar a mensagem dos Espíritos.

Allan Kardec e a codificação espírita

11. As mesas girantes não se limitavam a levantar-se sobre um pé para responder às perguntas feitas. Elas moviam-se em todos os sentidos, giravam sob as mãos dos pesquisadores e, às vezes, elevavam-se no ar. Nos anos de 1853 a 1855, esse fenômeno se generalizou na França, tornando-se um verdadeiro passatempo, uma diversão quase obrigatória nas reuniões sociais, a ponto de ter sido dito pelo padre Ventura de Raulica que se lidava então com "o maior acontecimento do século".

12. A cidade de Paris inteira assistia, atônita e estarecida, a esse turbilhão de fenômenos imprevistos que, para a maioria, só imaginações alucinadas poderiam criar, mas que acabavam por impor-se aos mais céticos e frívolos.

13. A posição do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail diante dos fatos foi então decisiva para o advento da Doutrina Espírita. O professor Rivail, logo que assistiu à primeira manifestação das mesas girantes, em maio de 1855, dedicou-se a estudar com seriedade os fenômenos, do que resultou, em menos de dois anos, a publicação no dia 18 de abril de 1857 da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, marco inicial da codificação da doutrina espírita.

14. Inicialmente, as mesas respondiam às perguntas por meio de pancadas previamente convencionadas. Depois,

adaptando-se um lápis numa das extremidades, a cestinha – ou outro objeto qualquer, pequeno e leve – permitia que os Espíritos grafassem suas mensagens no papel. Daí, à psicografia direta, em que o médium segura o lápis com sua mão, foi um passo importante, que possibilitou a produção de uma imensa quantidade de livros mediúnicos.

15. Aludindo às mesas girantes, Allan Kardec disse que, apesar da simplicidade do fenômeno, elas representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita.

Questões para fixação da leitura

1. Que data lembra a ocorrência dos fenômenos de Hydesville e quais foram as características de tais fenômenos?

A data é 31 de março de 1848. Os fatos ocorridos em Hydesville, classificados mais tarde como fenômenos de efeitos físicos, consistiam em ruídos, pancadas, batidas, fatos que em inglês foram designados pelo vocábulo "raps".

2. Qual a importância dos fenômenos de Hydesville no surgimento da Doutrina Espírita?

A relevância dos acontecimentos de Hydesville pode ser assinalada pela sua ressonância na esfera científica. A divulgação dessas experiências e, em seguida, a conversão do juiz Edmonds, materialista que anteriormente rira da crença nos Espíritos, pasmaram os norte-americanos, aumentando ainda mais o interesse pelas manifestações. A notícia disso chegou logo à Europa, onde iria despertar as consciências e preparar, conjuntamente com os fenômenos das mesas girantes, o advento da Doutrina Espírita.

3. Em que consistiam os fenômenos conhecidos pelo nome de mesas girantes?

As mesas girantes moviam-se em todos os sentidos, giravam sob as mãos dos pesquisadores e, em alguns casos, elevavam-se no ar. Além disso, se utilizavam, às vezes, de

um dos pés para, por meio de pancadas, responder às perguntas feitas. Nos anos de 1853 a 1855, esse fato surpreendente constituiu na França verdadeiro passatempo, sendo diversão quase obrigatória nas reuniões sociais, a ponto de ter sido dito pelo padre Ventura de Raulica que o fenômeno era "o maior acontecimento do século".

4. Qual foi a posição do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail ante o fenômeno das mesas girantes e qual o resultado de sua conduta?

A posição adotada pelo professor Hippolyte Léon Denizard Rivail em face dos fenômenos das mesas girantes possibilitou o advento da Doutrina Espírita. Logo que assistiu à primeira manifestação das mesas girantes, em maio de 1855, o futuro Codificador do Espiritismo dedicou-se a estudar com seriedade os fenômenos, advindo daí as obras que formam o arcabouço filosófico e científico do Espiritismo.

Allan Kardec, sua vida, sua obra e seu método

Sumário: Nome de batismo do Codificador do Espiritismo. Data e local de seu nascimento. A desencarnação de Kardec. Nome de sua esposa. Principais obras espíritas de sua autoria. O método kardequiano.

Quem foi o Codificador do Espiritismo

1. Na cidade francesa de Lyon nasceu em 3 de outubro de 1804 aquele que se celebrizaria sob o pseudônimo de Allan Kardec. De tradicional família francesa constituída de magistrados e professores, ele foi filho de Jean Baptiste Antoine Rivail e Jeanne Louise Duhamel. Batizado pelo padre Barthe em 15 de junho de 1805, recebeu o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail.

2. Em Lyon fez seus primeiros estudos, seguindo depois para Yverdon, Suíça, a fim de estudar com o célebre professor Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), pedagogo suíço que fundou diversas escolas. O instituto de Yverdon era um dos mais famosos e respeitados na Europa e reputado mesmo como Escola-modelo, por onde passaram vultos eminentes do Velho Continente.

3. Desde cedo Hippolyte tornou-se um dos mais eminentes discípulos de Pestalozzi. Na "Revista Espírita" de maio de 1869 diz-se que, dotado de notável inteligência e atraído por sua vocação, desde os 14 anos o jovem lionês ensinava aos colegas menos adiantados tudo o que aprendia.

4. Concluídos os estudos em Yverdon, ele se radicou em Paris, onde se tornou conceituado mestre não só de Letras, como de Ciências, distinguindo-se como notável professor,

autor de obras didáticas e divulgador do método de Pestalozzi.

5. No meio literário de Paris conheceu a professora Amélie Gabrielle Boudet, também autora de livros didáticos, com que se casou, conquistando preciosa colaboradora para a sua futura atuação como educador e depois como codificador da doutrina espírita.

6. Como escritor, o professor Rivail publicou, no primeiro período de sua vida, diversos livros didáticos. Entre as obras publicadas destacam-se: Curso Teórico e Prático de Aritmética, Gramática Francesa Clássica, Catecismo Gramatical da Língua Francesa, além de programas para os cursos ordinários de Física, Química, Astronomia e Fisiologia.

As obras de Allan Kardec

7. Em 1854, o professor Hippolyte ouviu falar pela primeira vez sobre as mesas girantes, por meio de seu amigo Fortier, estudioso do Magnetismo. A princípio, revelou-se cético a respeito dos fenômenos, embora se dedicasse desde muito ao estudo do Magnetismo. No ano seguinte, ele resolveu então assistir pela primeira vez aos propalados fenômenos; corria o mês de maio de 1855. A partir de então passou a dedicar-se ao assunto, recebendo provas numerosas de que as manifestações eram produzidas pelos Espíritos de pessoas que haviam deixado a Terra.

8. Recebendo logo depois das mãos dos senhores Carlotti, René Taillandier, Tiedeman-Manthese, Sardou, pai e filho, e Didier, editor, cinquenta cadernos contendo comunicações diversas, o professor se dedicou à tarefa de organizar ditos cadernos, resultando daí o início de uma série de reuniões e estudos que redundaram na codificação do Espiritismo e a publicação de um conjunto de obras fundamentadas nos ensinamentos espíritas, sendo a primeira delas *O Livro dos Espíritos*, publicado inicialmente em 18 de abril de 1857. Considerado como o marco inicial da codificação, é importante lembrar que o formato definitivo desse livro saiu apenas quase três anos mais tarde, em março de 1860.

9. Explicando sua convicção, Kardec afirma que sua crença apoia-se no raciocínio e em fatos. Era do seu feitio examinar antes de negar ou afirmar a priori, fosse qual fosse o assunto. Foi, portanto, como racionalista estudioso, emancipado de qualquer misticismo, que ele se pôs a examinar os fenômenos relacionados com as mesas girantes.

10. Após a publicação da obra inicial, ele sentiu a necessidade de ter um meio ágil que pudesse divulgar com maior rapidez as ideias espíritas. Lançou então em 1º de janeiro de 1858 a *Revista Espírita* e pouco tempo depois, em 1º de abril do mesmo ano, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

11. Em março de 1860 publicou a segunda e definitiva edição d' *O Livro dos Espíritos*, a que se seguiu, de 1861 a 1868, a publicação das seguintes obras: *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868), que são, juntamente com *O Livro dos Espíritos*, suas principais obras.

12. A primeira revelação de sua missão ele a recebeu em 30 de abril de 1856 por meio da jovem médium Srta. Japhet, o que foi confirmado em 12 de junho do mesmo ano por intermédio da Srta. Aline e, em 12 de abril de 1860, por meio do Sr. Crozet. Na *Revista Espírita* de maio de 1869, publicada após sua desencarnação, ocorrida em 31 de março de 1869, Kardec é definido como trabalhador infatigável, "sempre o primeiro e o último a postos".

O método kardequiano

13. Kardec, cognominado por Camille Flammarion "o bom senso encarnado", adotou em seu trabalho o método intuitivo-racionalista, que aprendera com Pestalozzi, considerando, no entanto, o valor da análise experimental. Sob tais diretrizes, cultivou ao longo da vida o espírito natural da observação, apregoando o uso do raciocínio na descoberta da verdade. Desestimulava, porém, a atitude mecânica, para que o aprendiz procurasse sempre a razão e a finalidade de tudo.

14. Kardec entende que devemos partir do simples para o complexo, do particular para o geral. Recomenda a utilização de uma memória racional, fazendo o uso da razão para reter as ideias, de modo a evitar o processo de repetição mecânica das palavras. Procura despertar no estudo a curiosidade do observador, de modo a avivar sua atenção e percepção.

15. O lastro contido no ensino basilar é sempre intuitivo, que ele considera "como o fundamento geral dos nossos conhecimentos e o meio mais adequado para desenvolver as forças do espírito humano, da maneira mais natural". Conforme seu pensamento, "todo bom método devia partir do conhecimento dos fatos adquiridos pela observação, pela experiência e pela analogia, para daí se extraírem, por indução, os resultados e se chegar a enunciados gerais que pudessem servir de base de raciocínio, dispondo-se esses materiais com ordem, sem lacuna, harmoniosamente".

16. Diz J. Herculano Pires que o método adotado por Kardec na codificação da Doutrina Espírita transformou-se no método da própria doutrina e tem, na sua própria simplicidade, a garantia de sua eficiência.

17. Podemos – de acordo com Herculano Pires – resumilo assim:

I - Escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, tanto do ponto de vista moral, quanto da pureza das faculdades e da assistência espiritual.

II - Análise rigorosa das comunicações, do ponto de vista lógico, bem como do seu confronto com as verdades científicas demonstradas, pondo-se de lado tudo aquilo que não possa ser logicamente justificado.

III - Controle dos Espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem.

IV - Consenso universal, ou seja, concordância das várias comunicações, dadas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em vários lugares, sobre o mesmo assunto.

Questões para fixação da leitura

1. Qual foi o nome de batismo do Codificador do Espiritismo?

Batizado pelo padre Barthe em 15 de junho de 1805, ele recebeu o nome de Hippolyte Léon Denizard Rivail.

2. Em que data e cidade ele nasceu e quando faleceu?

Kardec nasceu em 3 de outubro de 1804 na cidade de Lyon, França, e faleceu em Paris em 31 de março de 1869.

3. Como se chamava sua esposa?

Amélie Gabrielle Boudet.

4. Quais são os principais livros espíritas de sua autoria?

O primeiro a sair foi "O Livro dos Espíritos", publicado em 18 de abril de 1857 e considerado o marco inicial da codificação, embora o formato definitivo desse livro saísse apenas quase três anos mais tarde, em março de 1860.

Seguiram-se "O Livro dos Médiuns" (1861), "O Evangelho segundo o Espiritismo" (1864), "O Céu e o Inferno" (1865) e "A Gênese" (1868), que formam com "O Livro dos Espíritos" o chamado Pentateuco Kardequiano.

Não podemos esquecer, porém, duas obras introdutórias importantíssimas: "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas" (1858) e "O que é o Espiritismo" (1859), além de "Viagem Espírita em 1862" e "Obras Póstumas", este último publicado depois de sua desencarnação.

5. Em que consistiu o chamado método kardequiano?

De acordo com o professor J. Herculano Pires, o método utilizado por Kardec na codificação do Espiritismo foi composto de quatro pontos:

I. Escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, tanto do ponto de vista moral, quanto da pureza das faculdades e da assistência espiritual.

II. Análise rigorosa das comunicações, do ponto de vista lógico, bem como do seu confronto com as verdades científicas demonstradas, pondo-se de lado tudo aquilo que não possa ser logicamente justificado.

III. Controle dos Espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem.

IV. Consenso universal, ou seja, concordância das várias comunicações, dadas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em vários lugares, sobre o mesmo assunto.

Caráter da revelação espírita

Sumário: Conceito de revelação e sua característica essencial. As três revelações da lei de Deus. Quem personifica a segunda revelação da lei. Caráter da revelação espírita. O Espiritismo e a 3ª revelação da lei de Deus. De que modo o ensino espírita foi transmitido.

As três revelações da lei de Deus

1. Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz é *velum*, véu, significa literalmente sair de sob o véu e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por conseguinte, não existe revelação. O caráter essencial da revelação divina é, pois, o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros, ou sujeita à modificação, não pode emanar de Deus.

2. "O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina", assevera Kardec no cap. I de seu livro *A Gênese*. Acrescenta o Espiritismo, à ideia vaga da vida futura ensinada por Jesus, a revelação acerca da existência do mundo invisível que nos rodeia, define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

3. A primeira revelação da lei de Deus está personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não está personificada em pessoa alguma. As duas primeiras foram individuais; a terceira é coletiva. Eis aí o caráter essencial da revelação espírita.

4. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma. Ninguém pode, por conseguinte, inculcar-se como seu profeta exclusivo, porque ela foi espalhada simultaneamente por sobre a Terra, a milhões de criaturas, de todas as idades e condições sociais, confirmando a predição de Joel, registrada em *Atos dos Apóstolos* (cap. 2, vv. 16 a 18): "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos sonhos".

5. As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco, mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira, não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação.

Como os Espíritos procederam com relação ao Espiritismo

6. Vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo e em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa – tinha a revelação espírita de ser, ao mesmo tempo, o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame.

7. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é necessário para guiar o homem no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão.

8. Em parte alguma, afirma Kardec, o ensino espírita foi dado integralmente. Ele diz respeito a tão grande número

de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era achar-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

9. A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais, que constituiu a Doutrina Espírita.

10. Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações anteriores, para se chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam com relação ao Espiritismo; daí ser gradativo o ensino que ministram.

A progressividade da revelação espírita

11. Um último caráter da revelação espírita, que ressalta mesmo das condições em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, ela tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação.

12. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio de suas próprias descobertas, ela assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia. Desse modo, caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter, pois participa, ao mesmo tempo, da revelação divina

e da revelação científica. Numa palavra, é divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo sua elaboração fruto do trabalho do homem.

14. A revelação cristã havia sucedido à revelação mosaica; a revelação espírita vem completá-la. O Cristo a anunciou e ele próprio preside a esse novo surto do pensamento humano.

15. Manifestando-se fora e acima das igrejas, seu ensino dirige-se a todos. Por toda parte os Espíritos proclamam os princípios em que ela se apoia, convidando o homem a meditar em Deus e na vida futura. Ela é, pois, a revelação dos tempos preditos. Todos os ensinamentos do passado, parciais, restritos, limitados na ação que exerciam, são por ela ultrapassados.

16. As Inteligências superiores, em suas relações mediúnicas com os homens, confirmam os ensinamentos ministrados pelos Espíritos menos adiantados e expõem seu modo de ver e suas opiniões sobre todos os grandes problemas da vida e da morte, a evolução dos seres e as leis superiores do Universo. Suas revelações concordam entre si e se unem para constituir uma filosofia admirável.

17. O Espiritismo, pois, não dogmatiza nem se imobiliza. Sem nenhuma pretensão à infalibilidade, seu ensino é progressivo como os próprios Espíritos o são.

Questões para fixação da leitura

1. Que significa a palavra revelação e qual a sua característica essencial?

Revelar, do latim *revelare*, significa literalmente sair de sob o véu e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. A característica essencial de qualquer revelação tem de ser a verdade. O caráter essencial da revelação divina é, pois, o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros, ou sujeita à modificação, não pode emanar de Deus.

2. Segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores, quais foram as três revelações da lei de Deus?

O Decálogo, que constitui a parte divina da lei mosaica, o ensino moral contido no Evangelho e o Espiritismo.

3. Quem personifica a segunda revelação da lei de Deus?

Jesus.

4. Podemos dizer que o Espiritismo, considerado a 3ª revelação da lei de Deus, está personificado em alguma pessoa?

Não. A terceira revelação, ao contrário das outras, tem isto de particular: não está personificada em um só indivíduo, visto que surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes.

5. Como foi transmitido aos homens o ensino espírita?

Diz Kardec que em parte nenhuma o ensino espírita foi dado integralmente. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando por vários lugares os assuntos de estudo e observação, do mesmo modo que, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários. A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado.

As obras básicas do Espiritismo

Sumário: As principais obras escritas por Allan Kardec. Quando surgiu o livro "Obras Póstumas". Conteúdo da obra pioneira "O Livro dos Espíritos". O objeto do livro "O Evangelho segundo o Espiritismo". Os milagres e as predições relatadas no Evangelho.

As principais obras escritas por Allan Kardec

1. As obras básicas da Codificação Kardequiana são as seguintes, por ordem cronológica de publicação:

"O Livro dos Espíritos", lançado em Paris (França) em 18 de abril de 1857;

"O Livro dos Médiuns", publicado em janeiro de 1861;

"O Evangelho segundo o Espiritismo", lançado em abril de 1864;

"O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo", publicado em agosto de 1865; e

"A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo", lançada em janeiro de 1868.

2. Além das obras citadas - que formam o chamado Pentateuco Kardequiano - Kardec escreveu outras obras, consideradas introdutórias ou complementares. Aqui destacamos quatro delas:

"Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas" (1858);

"O que é o Espiritismo" (1859);

"Viagem Espírita em 1862" (1862) e

"O Espiritismo em sua mais simples expressão" (1862).

3. Anos depois do falecimento de Kardec, seus amigos reuniram artigos e anotações esparsas deixadas pelo codificador, do que resultou o interessante livro intitulado "Obras Póstumas", publicado em 1890.

4. O conteúdo das obras básicas expõe e consolida os princípios e os elementos constitutivos da Doutrina Espírita, segundo os ensinamentos dados pelos Espíritos superiores e codificados por Allan Kardec.

A obra primeira e a mais importante é "O Livro dos Espíritos"

5. O primeiro dos cinco livros que compõem o Pentateuco, "O Livro dos Espíritos", contém os "Princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec".

6. "O Livro dos Espíritos" contém, ainda, uma Introdução e uma Conclusão e está dividido em quatro partes ou livros.

A Primeira parte trata das causas primárias e possui quatro capítulos: Deus, elementos gerais do Universo, criação e princípio vital.

A Segunda trata do mundo espírita ou mundo dos Espíritos em onze capítulos: Espíritos, encarnação, volta do Espírito, após a morte, ao mundo espiritual, pluralidade das existências, vida espírita, volta do Espírito à vida corporal, emancipação da alma, intervenção dos Espíritos no mundo corporal, ocupações e missões dos Espíritos e os três reinos da Natureza.

A Terceira trata das leis morais em doze capítulos: lei divina ou natural, adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade, perfeição moral.

A Quarta trata das esperanças e consolações em dois capítulos: penas e gozos terrenos, penas e gozos futuros.

“O Livro dos Médiuns” é uma sequência da primeira obra

7. Referindo-se às obras “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, Allan Kardec escreveu: “Estas duas obras, se bem a segunda constitua seguimento da primeira, são, até certo ponto, independentes uma da outra. Mas, a quem quer que deseje tratar seriamente da matéria, diremos que primeiro leia *O Livro dos Espíritos*, porque contém princípios básicos, sem os quais algumas partes deste se tornariam talvez dificilmente compreensíveis” (*O Livro dos Médiuns*, Introdução).

8. “O Livro dos Médiuns”, que apresenta no seu frontispício o subtítulo “Guia dos Médiuns e dos Evocadores”, contém o “Ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo”.

9. O livro está dividido em duas partes.

A Primeira trata das noções preliminares e contém quatro capítulos: existência dos Espíritos, o maravilhoso e o sobrenatural, método e sistemas.

A Segunda trata das manifestações espíritas em trinta e dois capítulos: ação dos Espíritos sobre a matéria, manifestações físicas, manifestações inteligentes, manifestações visuais, bicorporeidade, transfiguração, laboratório do mundo invisível, lugares assombrados, natureza das comunicações, sematologia, tiptologia, pneumatografia, psicografia, médiuns, formação dos médiuns, inconvenientes e perigos da mediunidade, papel do médium nas comunicações espíritas, influência moral do médium, influência do meio, mediunidade nos animais, obsessão, identidade dos Espíritos, evocações, perguntas que se podem fazer aos Espíritos, contra-

dições e mistificações, charlatanismo e prestidigitação, reuniões e sociedades espíritas, regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, dissertações espíritas e vocabulário espírita.

“O Evangelho segundo o Espiritismo” tem por objeto o ensino moral do Cristo

10. O terceiro livro, "O Evangelho segundo o Espiritismo", contém "A explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida".

11. Dividido em 28 capítulos, além da Introdução, o livro examina detalhadamente o ensino moral contido nos Evangelhos, que é comentado por Kardec e por diversos instrutores do Plano Espiritual, por meio de comunicações devidamente assinadas. Conforme é assinalado pelo codificador na Introdução, esta obra não se preocupa com os atos comuns da vida de Jesus, nem com seus milagres e predições, que são objeto da última obra do Pentateuco Kardequiano.

12. O quarto livro, "O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo", contém o "Exame comparado das doutrinas acerca da passagem da vida corporal à vida espiritual, das penalidades e recompensas futuras, dos anjos e demônios e das penas eternas etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante a morte e depois dela".

13. Este livro é dividido em duas partes.

A Primeira trata da doutrina e contém onze capítulos: o porvir e o nada, temor da morte, céu, inferno, purgatório, doutrina das penas eternas, as penas futuras segundo o Espiritismo, anjos, demônios, intervenção dos demônios nas manifestações e proibição de evocação dos mortos.

A Segunda parte enumera exemplos sobre o passamento e a situação dos Espíritos após a morte, em oito capítulos:

passamento, Espíritos felizes, Espíritos em condições medianas, sofrendores, suicidas, criminosos arrependidos, endurecidos e expiações terrestres.

"A Gênese" foi a última obra publicada em vida pelo codificador

14. O quinto livro do chamado Pentateuco Kardequiano, "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo", última obra publicada em vida por Kardec, contém uma Introdução e três Partes.

A Primeira parte trata da Gênese e é formada por doze capítulos: caráter da revelação espírita, Deus, o bem e o mal, papel da ciência na Gênese, antigos e modernos sistemas do mundo, uranografia geral, esboço geológico da Terra, teorias sobre a formação da Terra, revolução do globo, Gênese orgânica, Gênese espiritual, Gênese mosaica.

A Segunda trata dos milagres e possui três capítulos: caracteres dos milagres, os fluidos, os milagres no Evangelho.

A Terceira cuida das predições e é constituída também por três capítulos: teoria da presciência, predições do Evangelho, os tempos são chegados.

Questões para fixação da leitura

1. Quais são as dez principais obras escritas por Allan Kardec, pela ordem cronológica de sua publicação?

As principais obras de Kardec, por ordem cronológica de publicação, são "O Livro dos Espíritos", lançado em Paris (França) em 18 de abril de 1857; "O Livro dos Médiuns", publicado em janeiro de 1861; "O Evangelho segundo o Espiritismo", lançado em abril de 1864; "O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo", publicado em

agosto de 1865; e "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo", lançada em janeiro de 1868.

Além dessas obras, que formam o chamado Pentateuco Kardequiano, Kardec escreveu outras obras consideradas introdutórias ou complementares, das quais destacamos estas: "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas" (1858); "O que é o Espiritismo" (1859); "Viagem Espírita em 1862" (1862) e "O Espiritismo em sua mais simples expressão" (1862). Depois de seu falecimento, seus amigos reuniram artigos e anotações esparsas deixadas pelo codificador, do que resultou o livro intitulado "Obras Póstumas", publicado em 1890.

2. O livro intitulado "Obras Póstumas" foi escrito por Kardec antes ou depois de seu falecimento?

Apesar do título, este livro compõe-se de textos escritos por Kardec enquanto encarnado. A publicação é que ocorreu depois de seu falecimento.

3. Que contém "O Livro dos Espíritos"?

A principal obra de Kardec, que se divide em quatro livros ou partes, contém os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec. O livro contém, ainda, uma Introdução, um prefácio ou prolegômenos e uma Conclusão.

4. Que contém "O Evangelho segundo o Espiritismo"?

Este livro contém a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Dividido em 28 capítulos, além da Introdução, o livro examina detalhadamente o ensino moral contido nos Evangelhos, que é comentado por Kardec e por diversos instrutores do Plano Espiritual, por meio de comunicações devidamente assinadas. A obra, conforme explica o codificador na Introdução, não se preocupa

com os atos comuns da vida de Jesus, nem com seus milagres e predições, que são objeto da última obra do Pentateuco Kardequiano.

5. Como se chama o livro no qual Kardec analisa os milagres e as predições relatadas no Evangelho?

Embora conhecido mais pelo nome *A Gênese*, esta obra chama-se "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo".

O tríplice aspecto do Espiritismo

Sumário: Como Kardec define o Espiritismo. Os aspectos sob os quais o Espiritismo se apresenta. Em seu aspecto filosófico, quais as características apresentadas pelo Espiritismo. O Espiritismo é ou não uma religião? Os fatos espíritas e sua importância na validação do ensino espírita.

O Espiritismo é a ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos

1. São de Allan Kardec estas palavras que definem com clareza o que é o Espiritismo:

"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é a ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal".
("O que é o Espiritismo", Preâmbulo.)

2. Em vista disso, constituindo a Doutrina Espírita um corpo de princípios filosóficos e éticos, apoiados na experimentação científica, apresenta ela três notórios aspectos: o científico, o filosófico e o moral ou religioso.

3. Sabe-se que a filosofia nasce quando o homem pergunta, interroga, cogita, deseja saber o "como" e o "porquê"

das coisas, dos fatos, dos acontecimentos. O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que ele faz do homem, de seus problemas, de sua origem e de sua destinação. Que somos? Donde viemos? Para onde vamos? – eis as clássicas perguntas que a filosofia espírita responde com notável clareza.

4. Esse estudo leva ao conhecimento do mecanismo da vida e das relações dos homens com aqueles que já se despediram deste mundo, estabelecendo as bases desse relacionamento permanente e demonstrando a existência inquestionável de Deus, a Inteligência Suprema e Causa Primária de todas as coisas, que a tudo comanda inteligentemente.

5. Definindo as responsabilidades dos Espíritos, quando encarnados ou na vida espiritual, o Espiritismo é filosofia, uma regra moral de vida e de comportamento para os seres inteligentes da Criação.

É o Espiritismo uma religião?

6. O Espiritismo é, no sentido filosófico, uma religião. Assim o disse Kardec em memorável discurso publicado na "Revista Espírita" de dezembro de 1868; mas não se constitui, no sentido comum, em mais uma religião, visto que não possui cultos instituídos, igrejas, rituais, dogmas, mitos ou credences, nem tampouco hierarquia sacerdotal. Eis o trecho do discurso a que nos referimos:

“Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! sem dúvida, Senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; que ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião frequentemente é levantada.

O Espiritismo, não tendo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não se poderia, nem deveria se ornar de um título sobre o valor do qual, inevitavelmente, seria desprezado; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral." (Revista Espírita de dezembro de 1868.)

Os fenômenos espíritas são a substância mesma da ciência espírita

7. No entendimento de Emmanuel, é no aspecto religioso do Espiritismo que repousa sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus, estabelecendo a necessidade da renovação definitiva do homem, em face do seu imenso futuro espiritual.

8. O Espiritismo passa da filosofia à ciência quando confirma, pela experimentação, os conhecimentos filosóficos que prega e dissemina. Se, como filosofia, trata do conhecimento ante a razão, indaga dos princípios e perscruta o Espírito, como Ciência ele os prova.

9. Os fatos ou fenômenos espíritas são a substância mesma da ciência espírita, cujo objeto é o estudo e o conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. Em seu aspecto científico, ele demonstra experimentalmente a existência da alma e sua imortalidade, principalmente por meio do intercâmbio mediúnico entre os encarnados e os desencarnados.

10. No seu aspecto científico e filosófico – diz Emmanuel – a Doutrina Espírita será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos de natureza intelectual, que visam ao progresso da Humanidade.

Questões para fixação da leitura

1. Como Kardec define o Espiritismo?

O Espiritismo é a ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

2. Quantos e quais são os aspectos sob os quais o Espiritismo se apresenta?

Três são os aspectos: científico, filosófico e moral ou religioso.

3. Em seu aspecto filosófico, quais as características apresentadas pelo Espiritismo?

O caráter filosófico do Espiritismo deriva do estudo que ele faz do homem, de seus problemas, de sua origem e de sua destinação. Que somos? Donde viemos? Para onde vamos? Eis as clássicas perguntas que a filosofia tradicional sempre formulou e a filosofia espírita responde com notável clareza.

4. É correto dizer que o Espiritismo é uma religião? Como Kardec se posicionou ante essa pergunta?

Sim. O Espiritismo é, no sentido filosófico, uma religião. Assim o disse Kardec em memorável discurso publicado na "Revista Espírita" de dezembro de 1868; mas não se constitui, no sentido comum, em mais uma religião, visto que não possui cultos instituídos, igrejas, rituais, dogmas, mitos ou credences, nem tampouco hierarquia sacerdotal. Consideramo-lo religião, quando estabelece um laço moral entre os homens, conduzindo-os em direção ao Criador, mediante a vivência dos ensinamentos morais do Cristo.

5. Os fatos ou fenômenos espíritas têm alguma importância no estudo do aspecto científico do Espiritismo?

Evidentemente. Os fatos ou fenômenos espíritas são a substância mesma da ciência espírita, e seu objeto é o estudo e o conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. Em seu aspecto científico, ele demonstra experimentalmente a existência da alma e sua imortalidade, principalmente por meio do intercâmbio mediúnico entre os encarnados e os desencarnados.

O Consolador prometido por Jesus

Sumário: O advento do Consolador. As características da missão conferida ao Consolador prometido. Razões que motivaram o advento do Consolador. Razões pelas quais o Espiritismo se apresenta como o Consolador prometido.

Advento do Consolador

1. O Evangelho de João registra da seguinte forma a promessa de Jesus relativa ao Consolador:

"Se me amais, guardai meus mandamentos. E rogarei a meu Pai e ele vos dará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito da Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e absolutamente não o conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós." (João, 14:15 a 17.)

2. Um pouco mais adiante, o mesmo evangelista atribui a Jesus as seguintes palavras: "Eu vos tenho dito estas coisas enquanto permaneço convosco. Mas o Paráclito, o Santo Espírito, que meu Pai vos enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar o que vos disse" (João, 14:25 e 26). Paráclito significa mentor, defensor, protetor; é o mesmo que paraclito.

3. Verifica-se por essas palavras que o Consolador prometido por Jesus, também chamado de Santo Espírito e de Espírito da Verdade, seria enviado à Terra com a missão de

consolar, lembrar o que ele dissera e ensinar todas as coisas.

A missão conferida ao Consolador

4. O Consolador, como Espírito da Verdade, teria, pois, de dar ao homem o conhecimento de sua origem, da necessidade de sua estada na Terra e do seu destino, espalhando por todo o lado a consolação que advém da fé e da esperança.

5. Seu compromisso com a verdade – o ensino de todas as coisas – o eleva à condição de uma nova Revelação (a terceira) da lei de Deus aos homens. Ora, o Espiritismo, procedendo de Espíritos sábios e bondosos, num verdadeiro derramamento da mediunidade na carne, preenche integralmente essas condições, visto que:

1º. procura lembrar-nos o que Jesus ensinou;

2º. ensina-nos muitas coisas que o Evangelho não consegue explicar adequadamente;

3º. consola e conforta os que sofrem ao mostrar-lhes a causa e a finalidade dos sofrimentos humanos.

6. A revelação cristã sucedeu à revelação mosaica; a revelação dos Espíritos veio completá-la. O Espiritismo é, pois, segundo os próprios Espíritos superiores, o Consolador prometido pelo Cristo.

Razões que motivaram o advento do Consolador

7. Várias foram as razões que justificaram a promessa do Cristo relativamente ao advento do Consolador. Uma delas seria a inoportunidade de uma revelação total e completa por parte do Cristo, numa época em que o homem não estaria amadurecido para compreendê-la. Outra razão seria o esquecimento e a falta de vivência das verdades apregoadas

no Evangelho. E mais do que isso, destacam-se como forte razão as distorções premeditadas que a mensagem evangélica sofreria, como de fato sofreu, ao longo dos tempos. Kardec afirma, em *A Gênese*, que de Jesus até nós o mundo assistiu a quase dois mil anos de fermentação e de criminosas deformações da mensagem cristã.

8. A relação entre o Espiritismo e o Consolador prometido está no fato de a Doutrina Espírita preencher todas as condições inerentes ao Paráclito anunciado por Jesus. Como assinala Kardec, o Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos de toda gente, pois fala sem figuras nem alegorias e levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios, trazendo a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem.

9. Kardec foi, como se vê, o instrumento de que o Alto se serviu para completar a mensagem do Cristo, como ele mesmo havia prometido, por intermédio de uma doutrina altamente consoladora e intimamente ligada ao ensino moral contido no Evangelho de Jesus e que permanecerá para sempre conosco.

Questões para fixação da leitura

1. Em que Evangelho está consignada a promessa de Jesus relativa ao advento do Consolador?

No Evangelho de João, cap. 14.

2. O Consolador prometido por Jesus deveria apresentar algumas características especiais. Quais são elas?

Além, evidentemente, da tarefa de consolar, ele deveria lembrar o que Jesus havia ensinado e, ultrapassando o próprio ensino do Cristo, ensinar ao homem todas as coisas.

3. Por que motivo o Espiritismo se apresenta como o Consolador prometido por Jesus?

A revelação cristã sucedeu à revelação mosaica, e a revelação dos Espíritos veio completá-la. O Espiritismo é, segundo afirmam os próprios Espíritos superiores, o Consolador prometido pelo Cristo. E ele, com efeito, preenche integralmente as condições mencionadas na promessa do Cristo, porque: 1º. procura lembrar-nos o que Jesus ensinou; 2º. ensina-nos muitas coisas que o Evangelho não pôde explicar adequadamente; 3º. consola e conforta os que sofrem ao mostrar-lhes a causa e a finalidade dos sofrimentos humanos.

4. Que razões motivaram a promessa do Cristo relativamente ao advento do Consolador?

Várias foram as razões que justificaram a promessa do Cristo. Uma delas seria a inoportunidade de uma revelação total e completa por parte de Jesus, numa época em que o homem não estava amadurecido para compreendê-la. Outra razão seria o esquecimento e a falta de vivência das verdades apregoadas no Evangelho. E mais do que isto, destacam-se como forte razão as distorções premeditadas que a mensagem evangélica sofreria, como de fato sofreu, ao longo dos tempos.

5. Você acha que o Espiritismo preenche todas as condições inerentes ao Consolador prometido por Jesus?

Sim. Inexiste dúvida quanto a isso. Como assinala Kardec, o Espiritismo veio abrir os olhos e os ouvidos de toda gente, pois fala sem figuras nem alegorias, e levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios, trazendo a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, cumprindo, desse modo, todas as condições citadas por Jesus em sua promessa.

Provas da existência de Deus

Sumário: A ideia de Deus. A existência de Deus e suas provas. O acaso e a formação primeira das coisas. Como Deus é definido na doutrina espírita. De onde vem o sentimento intuitivo que os homens têm da existência do Criador.

A ideia de Deus

1. "Outrora, Deus foi homem: hoje, Deus é Deus", assevera Léon Denis. O Ser Supremo, criado à imagem do homem, hoje vê apagar-se pouco a pouco essa imagem, substituída por uma realidade sem forma. A forma, a definição, o tempo, a duração, a medida, o grau de potência ou atividade não mais se aplicam a Deus. O próprio nome Deus oculta uma ideia incompleta. Outrora, Júpiter empunhava o raio, Apolo conduzia o Sol e Netuno senhoreava os mares. No Tibete, ainda hoje, adoram Maitreya, que refreia as ondas do mar, abençoa o exército, amaldiçoa o rival e dirige as chuvas.

2. A história da ideia de Deus mostra-nos que ela sempre foi relativa ao grau intelectual dos povos e de seus legisladores, correspondendo aos movimentos civilizadores, à poesia dos climas, às raças, à florescência de diferentes povos, enfim aos progressos espirituais da Humanidade. Com o passar dos tempos, assistimos sucessivamente aos desfalecimentos e tergiversações dessa ideia imperecível que, às vezes fulgurante e outras vezes eclipsada, pode, todavia, ser identificada sempre nos fastos da Humanidade.

3. Nosso Deus é um Deus ainda desconhecido, qual o era para os Vedas e para os sábios do Areópago de Atenas. No entanto, no estado evolutivo em que nos encontramos podemos sentir que Deus não é uma abstração metafísica, um

ideal que não existe. Nada disso. Deus é um ser vivo, sensível, consciente. Deus é uma realidade ativa. Deus é nosso Pai, nosso guia, nosso condutor, nosso melhor amigo.

A existência de Deus e suas provas

4. Kardec perguntou aos Espíritos: "Que é Deus?" e não quem é Deus? Os Espíritos responderam: "Deus é a Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas" (L.E., item 1).

5. Dizer que Deus é infinito é um erro, consequência da pobreza da nossa linguagem, que é insuficiente para definir as coisas que estão acima da nossa inteligência.

6. Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é infinito é tomar o atributo pela própria coisa, é definir uma coisa que não é conhecida por outra que também não o é.

7. Em "O Livro dos Espíritos" os imortais nos dizem que podemos encontrar a prova da existência de Deus num axioma bastante conhecido dos homens, segundo o qual "não há efeito sem causa". Basta que procuremos a causa de tudo o que não constitui obra do homem e nossa razão responderá.

8. Essa inteligência superior é a causa primeira de todas as coisas, qualquer que seja o nome sob o qual o homem a designe – Deus, Allah, Jeová. O nome é, no caso, o que menos importa.

O acaso e a formação primeira das coisas

9. Todos os homens carregam em si o sentimento intuitivo de Deus, uma prova de que a crença em um Ser superior não é produto da educação ou de ideias adquiridas, visto que até os selvagens o possuem. Ora, se a ideia de Deus fosse produto da educação, ela não seria universal, mas restrita a certos lugares.

10. Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria – afirmam os Espíritos – equivale a tomar o efeito pela causa, porque essas propriedades são elas mesmas um efeito que deve ter também uma causa.

11. A harmonia que regula as atividades do Universo revela combinações e fins determinados e, por isso mesmo, mostra-nos a ação de uma força inteligente. Atribuir essa formação primeira ao acaso seria, de igual modo, um contrassenso, porque o acaso é cego e não pode produzir coisas inteligentes. Um acaso inteligente não seria mais acaso.

12. Pela obra se reconhece o artífice. Nenhum ser humano pode criar o que a Natureza produz por si mesma. A causa primeira é, portanto, uma inteligência superior à Humanidade. Quanto maior o prodígio realizado pela inteligência humana, essa inteligência tem, ela mesma, uma causa, e quanto mais o que ela realiza é grande, mais a causa primeira deve ser grande.

Questões para fixação da leitura

1. Podemos afirmar que Deus é um ser vivo, sensível, consciente?

Sim. Deus é um ser vivo, sensível, consciente. Deus é uma realidade ativa. Deus é nosso Pai, nosso guia, nosso condutor, nosso melhor amigo.

2. Como os Espíritos, em resposta a Kardec, definiram Deus?

Deus é a Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

3. Quais são as provas referidas pelos Espíritos acerca da existência de Deus?

Os imortais nos dizem que podemos encontrar a prova da existência de Deus num axioma bastante conhecido dos homens, segundo o qual "não há efeito sem causa". Basta

que procuremos a causa de tudo o que não constitui obra do homem e a nossa razão responderá.

4. O sentimento intuitivo que temos de Deus é produto da educação e das ideias adquiridas?

Não, visto que até os selvagens o possuem. Ora, se fosse a ideia de Deus produto da educação, não seria universal, mas restrita a certos lugares.

5. A formação primeira do Universo não seria fruto de um acaso inteligente? Por quê?

Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria – afirmam os Espíritos – equivale a tomar o efeito pela causa, porque essas propriedades são elas mesmas um efeito que deve ter também uma causa. A harmonia que regula as atividades do Universo revela combinações e fins determinados e, por isso mesmo, mostra-nos a ação de uma força inteligente. Atribuir essa formação primeira ao acaso seria, de igual modo, um contrassenso, porque o acaso é cego e não pode produzir coisas inteligentes. Um acaso inteligente não seria mais acaso.

Atributos da Divindade

Sumário: A natureza íntima de Deus. Como surgiu a crença na existência de muitos deuses. Os principais atributos de Deus. As ideias panteístas. Refutação de Kardec à doutrina panteísta.

A natureza íntima de Deus

1. O homem ainda não pode compreender a natureza íntima de Deus, porque para isso lhe falta um sentido. Na infância da Humanidade, o homem o confunde, frequentemente, com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui. Mas, à medida que o senso moral se desenvolve, seu pensamento penetra melhor o fundo das coisas e dele faz uma ideia mais justa, embora sempre incompleta.

2. Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível compreender a obra da criação. Este é o ponto de partida de todas as crenças religiosas e foi justamente por não se terem referido a isso que as religiões, em sua maioria, erraram em seus dogmas.

O politeísmo

3. Os que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses. Os que não lhe atribuíram a soberana bondade fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo. A ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus foi que gerou o politeísmo.

4. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, temos uma ideia mais ou menos completa dos seus atributos, do nosso ponto de vista. Mas devemos saber que

existem coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a nossa linguagem ainda não tem condições de expressar.

5. A razão nos diz que Deus deve ter essas perfeições no supremo grau, porque se tivesse uma só de menos, ou não fosse de um grau infinito, ele não seria superior a tudo e por conseguinte não seria Deus.

6. Deus é Espírito, o Supremo Espírito! Absolutamente perfeito, não é comparável a quaisquer outros seres, estando infinitamente acima de todos. Possuindo sabedoria e poder infinitos, paira, onipresente, sobre todo o Universo, e a tudo comunica o seu influxo e a sua vontade.

Atributos do Criador

7. Deus é eterno, isto é, não teve começo e não tem fim. Se tivesse tido princípio, houvera saído do nada ou então teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, ao infinito.

8. Deus é imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, nenhuma estabilidade teriam as Leis que regem o Universo.

9. Deus é imaterial, isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

10. Deus é onipotente. Se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Esse então é que seria Deus.

11. Deus é soberanamente justo e bom. Em tudo e em toda parte aparecem a bondade e a justiça de Deus na providência com que, através de leis perfeitas, assiste suas criaturas. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim, nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e

essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus.

12. Deus é único. Não há deuses, mas um Deus somente, soberano do Universo, criador absoluto e incriado, infinito e eterno. Se houvesse muitos deuses não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

A doutrina panteísta

13. Deus não é, como pretende a doutrina panteísta, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas. Se Deus fosse assim, não seria Deus, porque seria efeito e não causa. Ora, Deus não pode ser ao mesmo tempo a causa e o efeito.

14. Com uma reflexão madura, a razão nos faz ver quão absurdo é querermos encontrar a demonstração de alguns atributos de Deus nas considerações dos panteístas, como esta: "Os mundos sendo infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; o vazio ou o nada não estando em nenhuma parte, Deus está em toda parte; Deus estando por toda parte, uma vez que tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente."

15. Também, de acordo com o panteísmo, "todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade". Sobre essa afirmativa Kardec escreveu: "Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Ora, transformando-se a matéria incessantemente, Deus, se fosse assim, nenhuma estabilidade teria; achar-se-ia sujeito a todas as vicissitudes, mesmo a todas as necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade".

16. Não sabemos tudo o que Deus é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser; em face disso, a doutrina panteísta está em contradição com suas propriedades mais essenciais. Ademais, as ideias panteístas confundem o Criador

com a criatura, absolutamente como se quisesse que uma máquina engenhosa fosse uma parte integrante do mecânico que a concebeu.

Questões para fixação da leitura

1. Por que o homem não é capaz de compreender a natureza íntima de Deus?

O homem ainda não pode compreender a natureza íntima de Deus, porque para isso lhe falta um sentido. Na infância da Humanidade, o homem o confunde, frequentemente, com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui. Mas, à medida que o senso moral se desenvolve, seu pensamento penetra melhor o fundo das coisas e dele faz uma ideia mais justa, embora sempre incompleta.

2. Qual foi o motivo que levou os homens à crença na existência de muitos deuses?

Os homens que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses. Os que não lhe atribuíram a soberana bondade fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo. A ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus foi que gerou o politeísmo.

3. Quais os principais atributos que podemos reconhecer em Deus?

Deus é eterno, imutável, imaterial, onipotente, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

4. Por que é que se diz que Deus deve possuir no grau supremo os seus atributos?

A razão nos diz que Deus deve ter essas perfeições no supremo grau, porque se tivesse uma só de menos, ou não fosse de um grau infinito, ele não seria superior a tudo e por conseguinte não seria Deus.

5. Em que consiste a doutrina panteísta e como Kardec a refutou?

A doutrina panteísta diz que Deus é a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas. Ora, observou Kardec, se Deus fosse assim, não seria Deus, porque seria efeito e não causa. Mas Deus não pode ser ao mesmo tempo a causa e o efeito.

A Providência Divina

Sumário: Conceito de providência. Como age a Providência Divina. Exemplos de ações providenciais de nosso Pai. Quem é o homem realmente infeliz. O livre-arbítrio, apanágio dos seres humanos. O guia que Deus ofereceu à humanidade terrena.

A ação providencial de Deus

1. Providência é, neste mundo, tudo o que se faz dispondo as coisas de modo que se realizem objetivos de ordem e harmonia, buscando o bem e a felicidade das pessoas.

2. Deus, em relação às suas criaturas, é a própria Providência na sua mais alta expressão, infinitamente acima de todas as possibilidades humanas. A Providência Divina manifesta-se em todas as coisas e se exerce através de leis admiráveis e sábias.

3. A Providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mínimas. É nisso que consiste a ação providencial.

4. Para o incrédulo é difícil conceber a ação providencial de Deus nos menores atos e menores pensamentos de cada indivíduo. O incrédulo admite a ação de Deus sobre as leis gerais do Universo, a que todas as criaturas se acham submetidas, mas não admite sua intervenção direta nos pormenores mais ínfimos. É que ele não sabe que, para estender a sua solicitude a todas as criaturas, Deus não precisa lançar o olhar do alto da imensidade. Nossas preces, para que Ele as ouça, não necessitam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, porque nossos pensamentos repercutem n'Ele.

Providência e livre-arbítrio

5. É por causa de sua inferioridade que o homem não consegue compreender como age o Pai Eterno. A criatura o imagina à sua semelhança, nele adorando a imagem, a figura, e não o pensamento. Para a maioria das pessoas, Deus é um soberano poderoso, sentado num trono inacessível e perdido na imensidade dos céus. Possuindo percepções ainda restritas, ele não compreende que Deus possa e se digne em intervir em qualquer assunto, tanto nas maiores quanto nas pequeninas coisas.

6. Tudo foi disposto pelo amor do Pai para o bem de seus filhos, desde as mais elementares providências para a manutenção da vida orgânica e a perpetuação da espécie, até a outorga ao homem da faculdade do livre-arbítrio, que dá ao indivíduo o mérito da conquista consciente da felicidade pela prática voluntária do bem e a livre busca da verdade.

7. Deus tudo fez e tudo faz para o bem de suas criaturas. Imprimiu-lhes na consciência as leis morais de trabalho, reprodução, conservação e destruição, como também a lei de sociedade, com base na qual se organizam as famílias e as comunidades, em cujo seio eles cumprem deveres, ligados às citadas leis e às leis de adoração, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade em seu mais justo e elevado sentido.

Causas da infelicidade do homem

8. Deus propicia desse modo ao homem construir a própria felicidade pela livre observância dessas leis e o cumprimento dos deveres correspondentes, e o ser humano só se torna infeliz quando os descumpre ou com elas se desarmoniza. Ao livre-arbítrio de que foi dotado corresponde, no entanto, a responsabilidade por seus atos, razão por que deve arcar com todas as consequências deles decorrentes.

9. Por causa disso, aparentemente se opõem a Providência Divina e o livre-arbítrio humano. Mas isto se dá apenas aparentemente. É que Deus nos concede a liberdade de agir

para que acrescentemos à nossa felicidade o mérito da iniciativa e a espontaneidade na busca do próprio bem. O Pai Eterno a tudo provê, disso não há dúvida, mas não quer inativa a criatura humana, passivamente, à espera da graça divina, e sim que ela mesma busque, mediante perseverantes esforços, a felicidade e o progresso com que todos sonhamos.

10. Pelo uso do livre-arbítrio, a alma fixa seu próprio destino e prepara suas alegrias ou sofrimentos; mas jamais, no curso de sua marcha evolutiva, lhe será negado o socorro divino sempre que dele necessitar.

11. A alma foi criada para a felicidade, mas para poder apreciar essa felicidade, para conhecer-lhe o justo valor, deve conquistá-la por si mesma, desenvolvendo as potências encerradas em seu íntimo, certa de que a liberdade de ação e sua responsabilidade aumentam com a própria elevação.

O guia a quem Deus nos confiou

12. A Providência é, assim, o anjo velando sobre o infelício, o consolador invisível, cujas inspirações reaquecem o coração gelado pelo desespero e cujos fluidos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga. A Providência é, por fim, e principalmente, o amor divino derramando-se sem cessar sobre suas criaturas.

13. A Providência Divina, em relação à humanidade terrena, manifestou-se de modo especial quando Deus nos confiou a Jesus, como discípulos confiados a um mestre e como ovelhas entregues à proteção de um pastor.

14. Com que solicitude e paciência Ele nos vem, desde então, ensinando e conduzindo, através de séculos e milênios! O homem pode ter certeza, pois, de que em momento algum se encontra desamparado ou entregue à própria sorte, porque o mundo em que vivemos, graças à bondade e à providência de Deus, tem no seu leme aquele que a Doutrina Espírita considera modelo e guia da Humanidade: Jesus.

Questões para fixação da leitura

1. Que é providência? Considerando o sentido correto desse vocábulo, como podemos conceituar a Providência Divina?

Providência é, neste mundo, tudo o que se faz dispendo as coisas de modo que se realizem objetivos de ordem e harmonia, buscando o bem e a felicidade das pessoas. Deus, em relação às suas criaturas, é a própria Providência na sua mais alta expressão, infinitamente acima de todas as possibilidades humanas, e se manifesta em todas as coisas por meio de leis admiráveis e sábias. A Providência Divina é, portanto, a solicitude de Deus para com suas criaturas, porque Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside. É nisso que consiste a ação providencial.

2. Mencione algumas decisões tomadas pelo Criador que podemos enquadrar na ação providencial de nosso Pai Eterno.

Tudo o que Deus dispôs em relação a nós tem por objetivo o bem de seus filhos, desde as mais elementares providências para a manutenção da vida orgânica e a perpetuação da espécie, até a outorga ao homem da faculdade do livre-arbítrio, que dá ao indivíduo o mérito da conquista consciente da felicidade pela prática voluntária do bem e a livre busca da verdade. Para isso, imprimiu-lhe na consciência as leis morais de trabalho, reprodução, conservação e destruição, como também a lei de sociedade, com base na qual se organizam as famílias e as comunidades, em cujo seio eles cumprem deveres, ligados às citadas leis e ainda às leis de adoração, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade em seu mais justo e elevado sentido.

3. Quando é que, segundo o Espiritismo, o homem se torna realmente infeliz?

Deus propiciou ao homem construir a própria felicidade pela livre observância das leis que Ele estabeleceu e pelo

cumprimento dos deveres correspondentes. O homem só se torna infeliz quando as descumpre ou com elas se desarmoniza. Ao livre-arbítrio de que foi dotado pelo Criador corresponde, assim, a responsabilidade pelos seus atos, razão pela qual deve arcar com todas as consequências que deles decorrerem.

4. Por que Deus outorgou à criatura humana, mas não aos animais, a faculdade do livre-arbítrio?

Deus concedeu ao Espírito humano a liberdade de agir para que ele acrescentasse à sua felicidade o mérito da iniciativa e a espontaneidade na busca do próprio bem. O Pai Eterno a tudo provê, disso não há dúvida, mas não quer inativa a criatura, à espera passivamente da graça divina, e sim que ela mesma busque, mediante perseverantes esforços, a felicidade e o progresso com que todos sonhamos. Desse modo, pelo uso do livre-arbítrio, o indivíduo fixa seu próprio destino e prepara suas alegrias ou sofrimentos.

5. Em relação ao planeta Terra, a Providência Divina manifestou-se ainda uma vez quando Ele tomou uma decisão que nos diz respeito de perto. Que ação providencial foi essa?

Essa ação providencial consistiu em nos haver confiado a Jesus, como discípulos confiados a um Mestre ou como ovelhas a um pastor. Com que solicitude e paciência Ele nos vem, desde então, ensinando e conduzindo, através de séculos e milênios!

Provas da sobrevivência da alma

Sumário: As primeiras manifestações de Espíritos. O advento do Moderno Espiritualismo. Os fenômenos de Hydesville. *Apports* e *raps*. As mesas girantes e falantes. Circunstância especial que levou Kardec a estudar os fenômenos espíritas.

O homem e o Espírito

1. No homem existe algo mais que matéria e princípio vital. O homem pensa e tem consciência plena de sua existência; relaciona ideias, estabelece conceitos, elabora juízos, constrói raciocínios, tira conclusões e, servindo-se do instrumento maravilhoso da linguagem, comunica tudo isso aos seus semelhantes.

2. "Cogito, ergo sum", escreveu Descartes ("Penso, logo existo"). Eis o que Descartes quis dizer: - Penso; ora, a matéria por si mesma não pensa; logo, existe em mim, além do corpo material, algo mais, que é o agente do meu pensamento, em virtude do qual existo como ser inteligente. Esse é um raciocínio perfeitamente lógico e conforme à mais pura razão humana. Deveria bastar para que nenhuma dúvida existisse no homem a respeito de que nele vive um Espírito, isto é, um ser imaterial, porém real, independente do corpo e a ele sobrevivente.

3. Outras faculdades existem ainda no homem, que nada têm a ver com a matéria, e que são funções de uma consciência individual superior, sobrelevando sobre todas o senso moral. Há, contudo, indivíduos descrentes que vivem na negação ou apenas em dúvida, pois no fundo do seu ser hão de ter a mesma aspiração, natural em toda criatura: não morrer. Deus, então, em sua infinita bondade e amor, como

Divina Providência que é, concedeu ao homem, com as manifestações espíritas, a prova de que nele vive um Espírito e que esse Espírito sobrevive à morte.

As manifestações espíritas

4. Manifestações de Espíritos ocorreram em todos os tempos, desde a mais remota antiguidade. A sua verdadeira causa só era conhecida dos iniciados. Os profetas serviam de intermediários entre os Espíritos e os homens e muitas coisas anunciavam como expressões da vontade de Deus. Uma das coisas anunciadas foi que viria o tempo em que essa faculdade de intermediação se generalizaria, dando lugar a manifestações que ocorreriam por toda a parte, a sacudir as consciências e os corações dos homens, despertando-os para a realidade do mundo espiritual. Foi o profeta Joel o intermediário dessa predição.

5. A história do Moderno Espiritualismo – denominação pela qual o Espiritismo foi inicialmente conhecido na América do Norte – começou por fatos dessa natureza, ocorridos em Hydesville a partir de 1848, sendo médiuns duas adolescentes da família Fox, as jovens Kate e Margareth Fox.

Os "apports"

6. Os fenômenos físicos se apresentam sob as mais variadas formas. A força que serve para produzi-los presta-se a todas as combinações. Ela penetra todos os corpos, atravessa todos os obstáculos, transpõe todas as distâncias. Sob a ação de uma vontade poderosa, consegue decompor e recompor a matéria compacta. É o que demonstram os fenômenos de "apports", ou transportes de flores, frutos e outros objetos através de paredes, em aposentos fechados.

7. Zöllner, o astrônomo alemão, verificou a penetração da matéria por uma outra matéria. Com o auxílio da força psíquica, as entidades a que são devidas as manifestações chegam a imitar os mais estranhos ruídos. Ao traduzir um

dos clássicos do Espiritismo sobre o fenômeno de transporte, escrito por Ernesto Bozzano, Francisco Klörs Werneck diz que dois termos técnicos se aplicam ao assunto: *apport* e *asport*. *Apport* quando o objeto é levado de fora para dentro. *Asport* quando levado de dentro para fora, de tal modo que o vocábulo trazimento não tem razão de ser. Transporte é, assim, o termo já consagrado e abarca ambos os casos.

8. A levitação é outro fenômeno de efeitos físicos extraordinário. Um desses fenômenos se deu em memorável sessão realizada em 16 de dezembro de 1868, em Londres, quando o médium Daniel D. Home, em transe mediúnico, foi levantado e projetado da parte de fora de uma janela e, suspenso no ar, entrou por uma outra janela.

Os "raps"

9. Os "raps" são fenômenos que consistem em efeitos físicos diversos, como ruídos, estalidos, pancadas e imitação de passos, produzidos em portas, paredes, móveis e assoalhos, tudo isso sem causa física conhecida. A simples produção desses efeitos físicos nada provaria quanto à existência dos Espíritos, porquanto poderiam ser produzidos por forças outras, naturais e desconhecidas, mas a esses fatos singulares se revelou associada uma inteligência capaz de dirigir a ação e que, quando provocada, deu provas iniludíveis de ser o Espírito de um morto a verdadeira causa do fenômeno. No caso da família Fox, o Espírito produtor dos fenômenos revelou ter sido um mascate que se chamara Charles Rosma em sua última encarnação.

10. Hoje a sobrevivência da alma humana encontra-se perfeitamente demonstrada por fatos que têm sido investigados com todo o rigor científico por numerosos e eminentes sábios dos séculos 19 e 20. A tal ponto chegou o resultado dessas experimentações que Alfred Russel Wallace, um dos mais eminentes investigadores dos fatos espíritas, fez esta afirmativa categórica: "O Espiritismo está tão bem demonstrado como a lei da gravitação".

Allan Kardec e as mesas girantes

11. As mesas girantes foram também chamadas de mesas falantes, porque, valendo-se das pancadas que nelas soavam, podiam responder inteligentemente às perguntas das pessoas presentes às sessões. Foi exatamente esse caráter inteligente assumido pelo fenômeno que levou o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail a interessar-se e, logo depois, dedicar-se profundamente ao seu estudo, bem como ao dos demais fenômenos espíritas, deduzindo deles, com o auxílio dos próprios Espíritos, todas as consequências filosóficas, morais e religiosas que eles comportam.

12. Os ensinamentos por ele reunidos e ordenados constituíram o admirável corpo da Doutrina Espírita iniciado com "O Livro dos Espíritos", ao qual se seguiu "O Livro dos Médiuns", que é a primeira obra de Kardec que se deve consultar sobre o tema mediunidade.

13. Seguem-se-lhes numerosas obras, quer gerais, tratando de toda a fenomenologia espírita, quer particulares, ou seja, que tratam de determinados fenômenos. Sob este último aspecto, vale citar "No Invisível", de Léon Denis, os livros de William Crookes ("Fatos Espíritas"), Friedrich Zöllner ("Provas Científicas da Sobrevivência"), Arthur Findlay ("No Limiar do Etéreo"), Oliver Lodge ("Raymond"), Ernesto Bozzano ("Fenômenos de Transporte") e Gabriel Delanne ("O Fenômeno Espírita"), dentre muitos outros.

Questões para fixação da leitura

1. Que é que Descartes quis dizer com a frase: "Cogito, ergo sum" (Penso, logo existo)?

Com esta frase Descartes quis dizer: - Penso; ora, a matéria por si mesma não pensa; logo, existe em mim, além do corpo material, algo mais, que é o agente do meu pensamento, em virtude do qual, portanto, existo como ser inteligente.

2. Quando se deram as primeiras manifestações de Espíritos?

As manifestações de Espíritos ocorreram em todos os tempos, desde a mais remota antiguidade, mas sua verdadeira causa só era conhecida dos iniciados.

3. Que importância têm na história do Moderno Espiritualismo os fenômenos de Hydesville?

Importância muito grande, visto que a história do Moderno Espiritualismo – denominação pela qual o Espiritismo foi inicialmente conhecido na América do Norte – começou pelos fatos de natureza mediúnica ocorridos em Hydesville a partir de 1848, sendo médiuns duas adolescentes da família Fox, as jovens Kate e Margareth Fox.

4. Que são os "apports"? Podemos dizer que "apports" e "raps" são a mesma coisa?

Os fenômenos de "apports" são aqueles em que os objetos são trazidos de fora para dentro do recinto da sessão. Quando o objeto é levado de dentro para fora, o fenômeno é chamado de "asport". No idioma falado no Brasil, o termo já consagrado para ambos os casos é transporte. Os "raps" são outra coisa. Trata-se de fenômenos que consistem em efeitos físicos diversos, como ruídos, estalidos, pancadas e imitação de passos, produzidos em portas, paredes, móveis e assoalhos.

5. Por que as mesas girantes foram também chamadas de mesas falantes? E que circunstância especial ligada a esse fenômeno levou Kardec a estudá-lo?

As mesas girantes foram também chamadas de mesas falantes porque, valendo-se das pancadas que nelas soavam, podiam responder inteligentemente às perguntas das pessoas presentes às sessões. Foi exatamente esse caráter inteligente assumido pelo fenômeno que levou o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail a interessar-se e, logo depois, dedicar-se profundamente ao assunto.

Origem e natureza dos Espíritos

Sumário: Diferença essencial entre os seres orgânicos e os seres inorgânicos. Princípio vital. Relação entre princípio vital e princípio espiritual. Natureza dos Espíritos. A materialidade dos Espíritos.

Princípio vital

1. Existe na matéria orgânica um princípio especial, que ainda é incompreensível e não podemos por ora definir: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha inexistente no ser morto. A química, que decompõe e recompõe corpos inorgânicos, jamais chegou a reconstituir sequer uma folha de árvore, o que mostra que existe algo nos corpos orgânicos que os corpos inorgânicos não possuem.

2. Os seres orgânicos, ao se formarem, assimilam o princípio vital, ou seja, esse princípio se desenvolve em cada indivíduo por efeito da combinação dos elementos básicos que constituem os corpos orgânicos. Se esses elementos – o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono – não se aliassem, no momento da formação, ao princípio vital, dariam origem simplesmente a um corpo inorgânico. O princípio vital modifica a constituição molecular de um corpo, dando-lhe propriedades especiais.

A extinção do princípio vital

3. A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos. Cessada essa ação, por motivo da morte, o princípio vital se esvai. A partir disso, a matéria se decompõe em seus elementos constitutivos (oxigênio, carbono, nitrogênio etc.), os quais poderão

agregar-se para formar corpos inertes ou inorgânicos, ou manter-se dispersos, até a formação de novas combinações.

4. A título de comparação, podemos dizer que na combinação dos elementos para a formação dos corpos orgânicos desenvolve-se *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam verdadeiras pilhas elétricas, que funcionariam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: eis a vida. Quando essas condições desaparecem, eles deixam de funcionar: eis a morte. O princípio vital não seria, pois, mais que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa quando se dá a morte.

Princípio espiritual

5. Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente. A existência do princípio espiritual é um fato que não precisa de demonstração, pois ele se afirma pelos seus efeitos. Ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agita e o movimento intencional do mesmo sino para se dar um sinal, um aviso. Ora, não podendo a própria massa desse sino pensar, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que se manifeste.

6. O princípio espiritual tem existência própria. Individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos, que são individualidades inteligentes, incorpóreas, que povoam o Universo. Criados por Deus, independem da matéria. Prescindindo do mundo corporal, agem sobre ele e, corporificando-se através da carne, recebem estímulos, transmitindo impressões, em intercâmbio expressivo e contínuo.

7. Havendo seres que vivem e não pensam, quais as plantas, e corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento, como na morte encefálica, é justo concluir

que a vida orgânica reside num princípio independente da vida espiritual. A vida e a inteligência originam-se, portanto, de dois princípios distintos. Uma procede do princípio vital; a outra, do princípio espiritual.

A natureza dos Espíritos

8. A natureza dos Espíritos é algo do qual pouco ou nada sabemos. Seria o Espírito um ser imaterial? Respondendo a essa pergunta, *O Livro dos Espíritos* nos explica: “Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance de vossos sentidos” (L.E., item 82).

9. Na mesma questão, logo abaixo, Kardec observou: “Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria”. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos; ora, nós somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres inteligentes que povoam o espaço infinito.

Questões para fixação da leitura

1. Qual é a diferença essencial entre os seres orgânicos e os seres inorgânicos?

Existe nos seres orgânicos o princípio vital, inexistente nos seres inorgânicos: eis o que os diferencia uns dos outros.

2. É certo comparar um corpo orgânico a uma pilha elétrica? Nesse caso, como entender a sua morte?

Sim. A título de comparação, pode-se dizer que na combinação dos elementos para a formação dos corpos orgânicos desenvolve-se *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam verdadeiras pilhas elétricas, que funcionariam enquanto os

elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: eis a vida. Quando essas condições desaparecem, eles deixam de funcionar: eis a morte. O princípio vital não seria, pois, mais que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa quando se dá a morte.

3. Há alguma relação entre o princípio vital e o princípio espiritual?

Não. A vida orgânica reside num princípio independente da vida espiritual. A vida e a inteligência originam-se, pois, de dois princípios distintos. Uma procede do princípio vital; a outra, do princípio espiritual.

4. Qual é a natureza dos Espíritos?

A natureza propriamente dita dos Espíritos é algo do qual pouco ou nada se sabe, além do fato de que se trata de um ser moral, perfectível e imortal.

5. Podemos dizer que os Espíritos são imateriais?

Não. Imateriais não é bem o termo; incorpóreos seria o vocábulo mais exato, porque, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. Ele é formado de matéria quintessenciada, mas sem nenhuma analogia para nós terrenos e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance de nossos sentidos.

A alma humana

Sumário: Corrente de pensamento que julga a alma como efeito e não causa dos fenômenos psicológicos. A visão dos vitalistas. Conceito de alma no espiritualismo clássico. A alma de conformidade com os ensinamentos espíritas.

A visão dos materialistas

1. Antes do Espiritismo, errônea ou muito imprecisa, vaga e confusa era a ideia que se fazia da alma humana. Erradamente considerada como efeito e não causa pelos materialistas, estes viam nos fenômenos psicológicos, dela dependentes, apenas o resultado da atividade funcional do sistema nervoso do homem.

2. Um decantado mas mal compreendido paralelismo psicofisiológico parecia justificar esse modo de ver, porquanto lesado o cérebro, ou a medula espinhal, ou os nervos, perturbam-se as funções superiores da consciência, o pensamento lógico, o juízo, o raciocínio, a memória, as sensações e as percepções humanas.

3. Os homens de ciência, principalmente os fisiologistas, os psicólogos e os psiquiatras, foram desse modo levados a um erro fundamental, que é inverter os papéis do corpo e da alma, dando primazia àquele que, no entanto, é apenas instrumento da alma para a realização de suas atividades, enquanto encarnada.

A opinião dos vitalistas

4. Os vitalistas não cometeram o mesmo erro dos materialistas, mas, equivocadamente, confundiram a alma com o

princípio vital da vida orgânica, sem explicar o atributo essencial da alma, que é a consciência individual, resultante da faculdade cognitiva ou inteligente do ser humano.

5. A inteligência nada tem a ver com a matéria, nem tampouco com o princípio vital, que é também substância material, embora sutil e dinâmica, donde emana a força vital, mas não a inteligência e, menos ainda, a razão lógica, o senso moral e todas as faculdades superiores, inexistentes nos outros seres vivos e organizados, vegetais ou animais, pelo menos no grau em que esplendem no homem racional e moral.

O ponto de vista dos espiritualistas

6. Os espiritualistas, ao contrário dos materialistas, consideram a alma como um ser real e distinto, causa e não efeito de toda atividade psicológica e moral do homem.

7. Conceituando-a como um ser distinto do corpo perecível e a ele sobrevivente, o espiritualismo clássico incorre, no entanto, no erro de considerar seja a alma criada com o corpo, ao qual se liga durante a vida física e dele se desprende com a morte, para seguir um destino do qual se fazem ideias muito vagas. A reencarnação, ensinada por grandes vultos da filosofia espiritualista, como Sócrates e Platão, não é aceita pelo espiritualismo clássico, que se alinha, nesse ponto, à doutrina da Igreja.

A alma vista pelo Espiritismo

8. Com Allan Kardec e a Doutrina por ele codificada, raiou no mundo a aurora de uma Nova Era, a Era do Espírito, e a conceituação de alma humana recebeu, então, brilhante luz.

9. Eis o que os próprios Espíritos ensinaram, conforme é dito no item 134 de *O Livro dos Espíritos*:

134. Que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

b) – Que seria o nosso corpo se não tivesse alma?

“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”

10. É admirável no texto referido a limpidez da Doutrina Espírita a respeito do que seja a alma do homem: "A alma é um Espírito encarnado."

11. A alma é, pois, um ser real, individual, independente e autônomo, de natureza puramente espiritual e que tem por destino grandioso progredir sempre, alteando-se cada vez mais em conhecimentos e em virtudes, o que ela logra mediante múltiplas existências corporais, nas quais se depura e se eleva gradualmente, até que, por fim, se liberta totalmente da necessidade de reencarnar ao tornar-se Espírito puro.

Questões para fixação da leitura

1. Qual a corrente de pensamento que julga a alma como efeito e não causa dos fenômenos psicológicos?

O materialismo.

2. Qual era a visão dos vitalistas sobre a alma?

Os vitalistas não cometeram o mesmo erro dos materialistas, mas, equivocadamente, confundiram a alma com o princípio da vida orgânica, sem explicar o atributo essencial da alma, que é a consciência individual, resultante da faculdade cognitiva ou inteligente do ser humano.

3. Como o espiritualismo clássico conceitua a alma humana?

Os espiritualistas, ao contrário dos materialistas, consideram a alma como um ser real e distinto, causa e não efeito de toda atividade psicológica e moral do homem. Conceitu-

ando-a como um ser distinto do corpo perecível e a ele sobrevivente, o espiritualismo clássico incorre, no entanto, no erro de considerar seja a alma criada com o corpo, ao qual se liga durante a vida física e dele se desprende com a morte, para seguir um destino do qual se fazem ideias muito vagas.

4. Que é a alma, segundo a Doutrina ensinada pelos Espíritos Superiores?

O Espiritismo é categórico com respeito ao assunto: "A alma é um Espírito encarnado". A alma é, de acordo com o ensinamento espírita, um ser real, individual, independente e autônomo, de natureza puramente espiritual e que tem por destino grandioso progredir sempre, alteando-se cada vez mais em conhecimentos e em virtudes, o que ela logra mediante múltiplas existências corporais, nas quais se depura e se eleva gradualmente, até que, por fim, se liberta totalmente da necessidade de encarnar ao tornar-se Espírito puro.

5. Que seria o nosso corpo se não tivéssemos alma?

Simple massa de carne sem inteligência, tudo o que quisermos, exceto um homem.

A influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos

Sumário: Natureza das influências espirituais. Como distinguir os nossos pensamentos daqueles que nos são sugeridos. Motivos que levam os Espíritos infelizes a prejudicar as pessoas. Como neutralizar as influências espirituais negativas.

A influência dos Espíritos pode ser boa ou má

1. A influência que os Espíritos exercem sobre os nossos pensamentos e ações no dia a dia é muito maior do que nós imaginamos, porquanto em muitas vezes são eles que nos dirigem. Essa influência pode ser boa ou má, oculta ou ostensiva, fugaz ou duradoura, mas, em qualquer situação, ela só se concretiza por meio da sintonia que se estabelece entre os indivíduos.

2. Em muitos dos pensamentos que temos em determinadas situações surgem-nos ideias diferentes sobre o mesmo assunto e, por vezes, ideias que se contradizem. Com certeza nesses momentos estamos sendo alvo da influência dos Espíritos, fato que nem todos percebem, especialmente quando ela se dá de forma sutil e oculta. Exemplo disso é o caso Custódio Saquarema narrado por Irmão X no livro *Cartas e crônicas*, pp. 38 a 42, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

3. Uma forma de distinguir os nossos pensamentos dos que nos são sugeridos é compreender que, normalmente, é nosso o primeiro pensamento que nos ocorre. Mas, o mais importante é saber que, independentemente de sugestões ou não, a responsabilidade pelos atos é nossa, cabendo-nos o mérito pelo bem que daí resultar ou o demérito se a ação for negativa.

4. Allan Kardec explica: "Se fosse útil pudéssemos claramente distinguir nossos próprios pensamentos daqueles que nos são sugeridos, Deus nos teria dado o meio, assim como nos dá o de distinguir entre o dia e a noite. Quando algo fica impreciso, é que assim convém ao nosso benefício" (*O Livro dos Espíritos*, nota à questão 462).

Pensamento e vibração

5. As ideias nutridas pelos homens de inteligência e pelos gênios provêm algumas vezes do seu próprio Espírito, mas com frequência são sugeridas por outros Espíritos, na forma de inspiração, quando estes últimos consideram que suas ideias serão dignamente compreendidas.

6. Lembra-nos Rodolfo Calligaris que "pensar é vibrar, é entrar em relação com o Universo espiritual que nos envolve, e, conforme a espécie das emissões mentais de cada ser, elementos similares se lhe imanizam, acentuando-lhe as disposições e cooperando com ele em seus esforços ascensionais ou em suas quedas e deslizes" (*Páginas de Espiritismo Cristão*, FEB, cap. 53).

7. Não podemos descuidar da nossa casa mental e seguir, vida afora, arrastados pela ação maléfica dos Espíritos atrasados. "Os Espíritos infelizes, de mente ultrajada, - diz Calligaris - vivem mais com os companheiros encarnados do que se supõe."

8. Misturam-se - acrescenta Calligaris - nas atividades comuns, perambulam no ninho doméstico, participam das conversações, seguem com os comensais, de quem dependem em processo legítimo de vampirização. "Perturbam-se e perturbam. Sofrem e fazem sofrer. Odeiam e geram ódios. Amesquinados em si mesmos, amesquinham os outros. Infelicitados, infelicitam."

9. Os bons Espíritos, ao contrário, suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem a vida daqueles que se mostram dignos de sua proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos naqueles que não se comprazem em tais sugestões.

Como neutralizar a influência negativa

10. Para neutralizar a influência dos maus Espíritos, a Doutrina Espírita nos indica uma receita simples, mas infalível: a prática do bem e a fé em Deus.

11. Eis o que, a respeito do assunto, ensinaram os Espíritos Superiores: "Fazendo o bem e pondo a vossa confiança em Deus, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e destruireis o domínio que sobre vós tentam exercer. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que vos suscitem maus pensamentos, que vos insuflam a discórdia e que vos induzem às más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, pois que vos apanham pelo ponto fraco. Por isso Jesus vos faz repetir na Oração Domínical: Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal" (*O Livro dos Espíritos*, item 469).

Questões para fixação da leitura

1. É certo dizer que os Espíritos nos influenciam tanto, que muitas vezes são eles que nos dirigem?

Sim. É isso que aprendemos na Doutrina Espírita.

2. Como podemos classificar as influências espirituais?

As influências podem ser boas ou más, ocultas ou ostensivas, fugazes ou duradouras, mas, em qualquer situação, elas só se concretizam por meio da sintonia que se estabelece entre nós e os Espíritos.

3. Se somos influenciados por outros indivíduos, como distinguir com clareza os nossos pensamentos daqueles que nos são sugeridos?

Uma forma de distinguir os nossos pensamentos dos que nos são sugeridos é compreender que, normalmente, é nosso o primeiro pensamento que nos ocorre. O mais im-

portante, contudo, é saber que, independentemente de sugestões ou não, a responsabilidade pelos atos é nossa, cabendo-nos o mérito pelo bem que daí resultar ou o demérito se a ação for negativa.

4. Por que os Espíritos infelizes gostam de nos prejudicar?

Porque são inferiores e não sabem que, agindo assim, acabam prejudicando a si mesmos. É por isso que não podemos descuidar da nossa casa mental e seguir, vida afora, arrastados pela ação maléfica dos Espíritos atrasados. Os Espíritos infelizes, de mente ultrajada, vivem mais com os companheiros encarnados do que supomos. Misturam-se em nossas atividades comuns, perambulam no ninho doméstico, participam de nossas conversações, seguem com os comensais, de quem dependem em processo legítimo de vampirização. Perturbam-se e perturbam. Sofrem e fazem sofrer. Odeiam e geram ódios. Amesquinhamos em si mesmos, amesquinham os outros. Infelicitados, infelicitam.

5. Se as influências espirituais negativas existem, como proceder para neutralizá-las?

Para neutralizar a influência dos maus Espíritos, a Doutrina Espírita nos indica uma receita simples, mas infalível: a prática do bem e a fé em Deus. Agindo sempre assim, conseguiremos neutralizar a influência negativa, imunizando-nos contra a maldade que, em outros casos, poderia atingir-nos.

Comunicabilidade dos Espíritos

Sumário: O fenômeno mediúnico e a lei mosaica. Motivos que levaram Moisés a proibir a consulta aos mortos. A mediunidade segundo o Espiritismo. A Igreja e as manifestações dos mortos.

O fenômeno mediúnico e a lei mosaica

1. A comunicabilidade dos Espíritos com os encarnados é um fato antiquíssimo, com a única diferença de que no passado ela era conhecida somente pelos chamados iniciados e na atualidade, com o Espiritismo, tornou-se um fenômeno generalizado.

2. A possibilidade de os Espíritos se comunicarem é um fato já muito bem estudado e comprovado, mas correntes religiosas diferentes da Doutrina Espírita criticam-na, baseando-se na proibição mosaica da evocação dos mortos.

3. Para melhor compreensão das palavras de Moisés, vejamos o texto:

“Não vos desvieis para procurar mágicos; não consulteis os adivinhos, e receais que vos contamineis, dirigindo-vos a eles. Eu sou o senhor vosso Deus.” (Levítico, cap. XIX, v.31.)

“O homem ou mulher que tiver Espírito de adivinho, morra de morte. Serão apedrejados, e o seu sangue recairá sobre eles.” (Levítico, cap. XX, v.27.)

“E entre vós ninguém haja que pretenda purificar filho ou filha passando-os pelo fogo; que use malfícios, sortilégios e encantamentos; que consulte

os que têm o Espírito de adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade. O senhor abomina todas essas coisas e exterminará todos esses povos, à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido.” (Deuteronômio, cap. XVIII, vv. 9, 10, 11 e 12.)

Objetivo da proibição mosaica

4. Se a lei de Moisés deve ser rigorosamente observada neste ponto, então por que não observá-la, também, nos outros pontos? A resposta é conhecida. Sabe-se que a lei mosaica não é aplicada hoje porque não está mais de acordo com a nossa época e com os nossos costumes. Ora, o mesmo ocorre relativamente à proibição da evocação dos mortos e do trato com os Espíritos.

5. O legislador hebreu queria que o seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam abusos, inclusive o comércio grosseiro, associado às práticas da magia e do sortilégio e acompanhado até mesmo de sacrifícios humanos.

6. A proibição de Moisés foi, assim, justíssima, porquanto as relações que então se estabeleciam com os Espíritos não se baseavam nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, habilmente exploradas pelo charlatanismo.

A mediunidade segundo o Espiritismo

7. O Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações com a espiritualidade. Os espíritas não fazem sacrifícios humanos, não interrogam astros, adivinhos e magos para se informar de qualquer coisa, não usam objetos, medalhas, talismãs, fórmulas sacramentais ou lugares lúgubres e horários específicos para atrair ou afastar Espíritos.

8. O espírita sabe que o conhecimento do futuro é vedado ao homem, e só em casos raríssimos e excepcionais é

que Deus faculta a sua revelação. Se o homem conhecesse o futuro, por certo negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade.

9. A mediunidade não é uma faculdade inerente apenas ao homem de bem e, por isso, todos podem possuí-la. Contudo, a moralização do médium libera-o da influência de Espíritos inferiores e perversos, que se sentem, então, impossibilitados de exercer domínio sobre os sensitivos, por lhes faltarem condições para a necessária sintonia.

A Igreja e as manifestações dos mortos

10. Repelir as comunicações significa repudiar o meio mais poderoso de instrução, já pela iniciação nos conhecimentos da vida futura, já pelos exemplos que as comunicações nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, que é grande o bem que podemos fazer desviando do mal os Espíritos imperfeitos e ajudando os que sofrem a desprender-se da matéria e se aperfeiçoarem.

11. Interditar as comunicações equivale, portanto, a privar as almas sofredoras da assistência que lhes podemos e devemos dispensar, razão por que, atualmente, até a Igreja, pela voz de vários de seus pastores – entre eles frei Boaventura Kloppenburg, padre François Brune e padre Gino Concetti –, admite que a comunicação com os Espíritos pode ser salutar, especialmente pelo conforto moral que traz aos que se encontram desesperados com a perda de um ente querido.

Questões para fixação da leitura

1. A possibilidade de comunicar-se com os chamados mortos é fato recente na história da Humanidade?

Não. A comunicabilidade dos Espíritos com os encarnados é um fato antiquíssimo, com a única diferença de que

no passado ela era conhecida somente pelos chamados iniciados e na atualidade, com o Espiritismo, tornou-se um fenômeno generalizado.

2. Por que Moisés proibiu o intercâmbio entre os homens e os Espíritos?

Moisés queria que seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam os abusos, inclusive o comércio grosseiro, associado às práticas da magia e do sortilégio e até mesmo de sacrifícios humanos. A proibição de Moisés foi, assim, justíssima, porquanto as relações que então se estabeleciam com os Espíritos não se baseavam nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, habilmente exploradas pelo charlatanismo.

3. Para ser médium é preciso ter um comportamento moral elevado?

Não. A mediunidade não é uma faculdade inerente apenas ao homem de bem e, por isso, todos podem possuí-la. Ressalve-se, no entanto, que a moralização do médium libera-o da influência de Espíritos inferiores e perversos, que se sentem, então, impossibilitados de exercer domínio sobre os sensitivos por lhes faltarem condições para a necessária sintonia.

4. Qual é, segundo o Espiritismo, o objetivo da mediunidade?

O Espiritismo mostra-nos o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações com a espiritualidade. Nas práticas do Espiritismo, conforme os ensinamentos de Kardec e seus seguidores, não se fazem sacrifícios humanos, não se interrogam astros, adivinhos e magos para se informar de qualquer coisa, não se usam objetos, medalhas, talismãs, fórmulas sacramentais, nem se escolhem lugares lúgubres e horários específicos para atrair ou afastar Espíritos.

5. Como entender, à vista dos ensinamentos espí- ritas, a interdição das relações entre os homens e os mortos?

Em face da finalidade superior da mediunidade, repelir as comunicações é repudiar um meio poderoso de instrução, já pela iniciação nos conhecimentos da vida futura, já pelos exemplos que as comunicações nos fornecem. Interditar as comunicações equivale a privar as almas sofredoras da assistência que lhes podemos e devemos dispensar, razão por que, atualmente, até a Igreja, pela voz de vários de seus pastores, entre eles frei Boaventura Kloppenburg, padre François Brune e padre Gino Concetti, admite que a comunicação com os Espíritos pode ser salutar, especialmente pelo conforto moral que traz aos que se encontram desesperados com a perda de um ente querido.

Mediunidade: conceito e tipos

Sumário: Significado do vocábulo médium. Percepção das influências espirituais. Papel da mente no fenômeno mediúnico. Principais tipos e modalidades de mediunidade. O meio de comunicação espírita mais completo, segundo Allan Kardec.

Que é ser médium

1. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos.

2. Apesar disso, só chamamos de médiuns aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

3. A percepção das influências espirituais se dá pelo fenômeno mental da sintonia, ou seja, nossa mente, sendo um núcleo de forças inteligentes, gera pensamentos que, ao se exteriorizarem, entram em comunhão com as faixas de ideias do mesmo teor vibratório, estabelecendo-se, assim, a sintonia. Atraímos os Espíritos que se afinam conosco, tanto quanto somos por eles atraídos.

Mediunidade e Doutrina Espírita

4. Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, é imprescindível enriquecer o pensamento, incorporando-lhe tesouros morais e culturais. A mediunidade, pois, não basta por si mesma. Sendo uma faculdade própria da espécie humana, ela existe desde as épocas

mais remotas, mas foi somente na Doutrina Espírita que encontrou um sentido mais elevado e disciplinado.

5. Como os historiadores informam, Sócrates referia-se ao amigo invisível que o acompanhava constantemente. Plutarco reporta-se ao encontro que Bruto teve certa noite com um de seus perseguidores desencarnados. Pausânias, no templo de Minerva, em Roma, ali condenado a morrer de fome, aparecia e desaparecia aos olhares de circunstantes assombrados, durante largo tempo. Nero, nos últimos dias de seu governo, viu-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e Otávia, sua genitora e esposa, ambas assassinadas por sua ordem, a lhe pressagiarem a queda no abismo.

6. Com o advento do Cristianismo, a mediunidade atingiu a sublimação com as manifestações provocadas por Jesus e, mais tarde, por seus apóstolos. E na Idade Média prosseguiu vitoriosa nos feitos de Francisco de Assis, nas visões de Lutero e nos desdobramentos de Tereza d'Ávila, para culminar, nos tempos modernos, nas prodigiosas manifestações de Swedenborg.

7. O dom mediúnico, por ser uma conquista evolutiva da Humanidade, não deve limitar-se a mera produção de fenômenos. O médium consciente do seu papel precisa buscar disciplina e iluminação íntimas, para tornar-se um instrumento de progresso, com vistas à felicidade própria e coletiva.

Tipos de mediunidade

8. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para determinados fenômenos, do que resulta uma variedade muito grande de manifestações e de sensitivos, a saber: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos ou impressionáveis, médiuns audientes, médiuns videntes, médiuns sonambúlicos, médiuns curadores, médiuns pneumatógrafos e médiuns escreventes ou psicógrafos.

9. Os médiuns de efeitos físicos são aptos a produzir fenômenos materiais, como o movimento de corpos inertes,

ruídos, pancadas, vozes diretas, materializações, transportes etc. A mediunidade de efeitos físicos foi muito comum no surgimento do Espiritismo, com o objetivo de chamar a atenção dos encarnados para as coisas do Além, tal como ocorreu em Hydesville e depois na França, especialmente a partir de 1848.

10. Médiuns sensitivos ou impressionáveis são as pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma impressão vaga, por uma espécie de leve roçadura sobre todos os seus membros, não apresentando caráter bem definido, visto que todos os médiuns são mais ou menos sensitivos. Essa faculdade pode adquirir tal sutileza, que aquele que a possui reconhece não só a natureza, boa ou má, do Espírito que está ao lado, mas até a sua individualidade, como o cego reconhece a aproximação de tal ou tal pessoa.

O meio de comunicação considerado mais completo

11. Os médiuns audientes ouvem a voz dos Espíritos, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo, doutras vezes uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva, podendo até realizar conversação com os Espíritos, que podem ser agradáveis ou desagradáveis, dependendo do nível do Espírito comunicante.

12. Os médiuns falantes transmitem a mensagem espírita através da fala. Os Espíritos atuam sobre o órgão da fala, como atuam sobre a mão dos médiuns escreventes.

13. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns a possuem no estado normal, ou seja, acordados, lembrando-se do que viram, outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo, que quase sempre é efeito de uma crise passageira.

14. Médiun sonambúlico é aquele que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíri-

tos e os descrevem com precisão, como os médiuns videntes. Podem conversar com eles e transmitir-nos seus pensamentos.

15. Médiuns curadores são aqueles que têm o dom de curar pelo simples toque, pelo olhar ou pela imposição das mãos, sem uso de medicação. É a ação do magnetismo animal que produz a cura, mas essa faculdade deve ser classificada como mediunidade porque as pessoas que possuem esse dom não agem sozinhos, mas auxiliados por Espíritos que se dedicam a essa tarefa.

16. Médiuns pneumatógrafos são os que produzem a escrita direta, sem tocarem no lápis ou no papel. Já os médiuns escreventes ou psicógrafos transmitem a mensagem espiritual utilizando lápis e papel.

17. Falando sobre a psicografia, Kardec diz que, de todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, o mais cômodo e o mais completo. Para esse meio devem tender todos os esforços, porquanto ele permite se estabeleçam com os Espíritos relações continuadas e regulares, como as que existem entre nós, e é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento ou de sua inferioridade.

Questões para fixação da leitura

1. Que é ser médium?

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo e raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. No meio espírita, porém, só chamamos de médiuns aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

2. Como se dá a percepção das influências espirituais?

A percepção das influências espirituais se dá pelo fenômeno mental da sintonia, ou seja, nossa mente, sendo um núcleo de forças inteligentes, gera pensamentos que, ao se exteriorizarem, entram em comunhão com as faixas de ideias do mesmo teor vibratório, estabelecendo-se, assim, a sintonia. Atraímos os Espíritos que se afinam conosco, tanto quanto somos por eles atraídos.

3. Como definir o papel da mente no fenômeno mediúnico?

A mente se acha na base de todas as manifestações mediúnicas. Em face disso é imprescindível ao médium enriquecer o pensamento, incorporando-lhe tesouros morais e culturais.

4. Quais são os principais tipos conhecidos de mediunidade?

As principais variedades de médiuns são médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos ou impressionáveis, médiuns audientes, médiuns videntes, médiuns sonambúlicos, médiuns curadores, médiuns escreventes ou psicógrafos e médiuns pneumatógrafos.

5. Que meio de comunicação espírita é considerado por Kardec o mais completo?

A psicografia.

Mediunidade com Jesus

Sumário: Recomendação de Jesus ao conclamar seus discípulos a curar os enfermos e expulsar os demônios. Mediunidade não pode constituir uma profissão. O mais importante na prática mediúnica. Características principais de um médium evangelizado.

A mediunidade não pode ser fonte de renda

1. "Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido." Esta foi a recomendação de Jesus aos seus discípulos, com isso querendo dizer que ninguém deve cobrar por um dom – o dom da cura – que o Pai nos concedeu graciosamente.

2. O dom da mediunidade, como já vimos anteriormente, é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram, na verdade, médiuns. Sócrates tinha a inspirá-lo um Espírito amigo. Todos os povos tiveram seus médiuns e as inspirações de Joana d'Arc não eram mais do que as vozes de Espíritos benfazejos que a dirigiam.

3. Ora, foi exatamente este dom: a faculdade de curar os enfermos e de expulsar os demônios, melhor dizendo, os maus Espíritos, que Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé, razão por que Jesus lhes recomendou não fizessem dessa faculdade objeto de comércio nem de especulação, nem um meio de vida, proposta reafirmada mais tarde por Allan Kardec, que recomenda aos médiuns dar à tarefa da mediunidade o seu tempo livre, o seu momento de lazer, sem pretender obter com isso recompensas de ordem material.

4. Essa orientação continua mais atual do que nunca, porque a mediunidade evangelizada jamais poderá ser transformada em profissão ou fonte de renda.

5. A mediunidade, como uma luz que brilha na carne, é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, a quem ela enriquece no capítulo da virtude e da inteligência sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

A faculdade mediúcnica é um talento precioso

6. Devemos compreender que a mediunidade só existe pelo concurso dos Espíritos. “Os atributos medianímicos – assevera Emmanuel – são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da Seara da verdade e do amor.” (*O Consolador*, item 389.)

7. Na sequência, acrescenta Emmanuel: “Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos”. (Obra citada.)

8. Mediunidade – advertem os mentores espirituais – não basta só por si. É imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos, para conhecer da qualidade do nosso trabalho e ajuizar da nossa direção. O médium moralizado, que encontra na vivência evangélica a conduta de vida, é uma pessoa de bem, que procura ser humilde, sincero, paciente, perseverante, bondoso, estudioso e trabalhador.

A mediunidade e a renovação social

9. No exercício da mediunidade com Jesus, ou seja, na perfeita aplicação dos seus valores a benefício da criatura

humana, em nome da caridade, é que o ser atinge a plenitude de suas funções e faculdades, convertendo-se em celeiro de bênçãos, semeador da saúde espiritual e da paz nos diversos terrenos da vida humana.

10. Não é difícil, pois, compreender como a prática mediúnica exerce importante papel na renovação social. Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma. Quer que o aperfeiçoamento moral do homem se torne o que deve ser: o fim e o objetivo da vida.

11. Todo progresso vem, contudo, na sua hora. Soou a hora da elevação moral para a Humanidade. O médium evangelizado, exercendo o mandato com amor e espírito de serviço em benefício do próximo, contribui em grande escala para o progresso geral, e é nesse sentido que se diz que a prática da mediunidade com Jesus é um poderoso instrumento de renovação social.

Questões para fixação da leitura

1. Ao conclamar seus discípulos a restituir a saúde aos doentes, curar os leprosos e expulsar os demônios, Jesus lhes fez uma recomendação especial e bem clara. Que foi que ele lhes pediu?

A recomendação foi esta: "Dai de graça o que gratuitamente haveis recebido", querendo com isso dizer que ninguém deve cobrar por um dom – o dom da cura – que o Pai nos concedeu graciosamente.

2. A mediunidade pode constituir uma profissão ou uma fonte de ganhos, se o médium for uma pessoa pobre, destituída dos recursos necessários à sua sobrevivência?

Não. Kardec ensina que os médiuns devem dar à tarefa mediúnica seu tempo livre, seu momento de lazer, sem pretender obter com isso recompensa de ordem material. Essa

orientação continua mais atual do que nunca, porque a mediunidade evangelizada jamais poderá ser transformada em profissão ou fonte de renda.

3. Na prática da mediunidade, o que é, segundo o Espiritismo, o mais importante?

A mediunidade não basta por si mesma. É imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos, para conhecer da qualidade do nosso trabalho e ajuizar da nossa direção. A aplicação da mediunidade, o que fazemos das faculdades mediúnicas, isso é que é o mais importante.

4. Quais as características principais de um médium evangelizado?

O médium moralizado, que encontra na vivência evangélica a conduta de vida, é uma pessoa de bem, que procura ser humilde, sincero, paciente, perseverante, bondoso, estudioso e trabalhador, e cumpre o mandato mediúnico com amor.

5. Podemos dizer que a prática da mediunidade com Jesus contribui para o progresso social?

Sim. Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma. Quer que o aperfeiçoamento moral do homem se torne o que deve ser: o fim e o objetivo da vida, e a prática mediúnica concorre para isso.

Penas e gozos futuros: duração das penas

Sumário: O céu e o inferno segundo o Espiritismo. Em que consiste o inferno. A lei de causa e efeito. Arrependimento, expiação e reparação. Insuficiência do arrependimento para a regeneração da pessoa. Código penal da vida futura e seus três princípios fundamentais.

O céu e o inferno

1. O conceito de céu e de inferno sofreu grande transformação com o advento da Doutrina Espírita. Não se traduz mais por regiões circunscritas de beatífica felicidade ou de sofrimentos atroztes e eternos. Aprendemos que céu e inferno, em essência, são um estado de alma que varia conforme a visão interior de cada um.

2. O dogma da eternidade absoluta das penas é incompatível com o progresso dos Espíritos, ao qual ele opõe uma barreira insuperável. Conforme o ensino espírita, o homem é filho de suas próprias obras, seja na existência corporal, seja na vida *post mortem*, nada devendo ao favor do Pai, que o recompensa pelos esforços que faz e o pune por sua negligência, pelo tempo em que nisso persistir.

3. Inferno pode traduzir-se por uma vida de provações extremamente dolorosa, com a incerteza de haver outra melhor. A felicidade ou infelicidade após a desencarnação é inerente ao grau de aperfeiçoamento moral de cada Espírito.

A lei de causa e efeito

4. As penas ou sofrimentos que cada um experimenta são dores morais e estão em relação com os atos praticados.

Não existem recompensa e sofrimento gratuitos, obtidos sem mérito, mas sim a aplicação da lei de causa e efeito.

5. A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na existência corporal. A completa felicidade prende-se à perfeição, isto é, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é, por sua vez, causa de sofrimento e de privação de gozo, do mesmo modo que toda perfeição adquirida é fonte de gozo e atenuante de sofrimentos.

6. Deus faculta a todos os Espíritos os meios de aprimoramento moral e intelectual, oferecendo-lhes em cada encarnação a possibilidade de uma programação reencarnatória coerente, na qual a criatura humana terá chances de progredir e de expiar as faltas cometidas em existências anteriores.

7. A expiação pressupõe resgate, quitação, ajuste de erros, e varia segundo a natureza e o grau da falta, podendo a mesma falta determinar expiações diversas, na conformidade das circunstâncias atenuantes ou agravantes em que for cometida.

8. O arrependimento é o primeiro passo para a regeneração, mas não basta por si mesmo. É preciso ainda a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

9. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação. Somente a reparação, porém, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa.

O código penal da vida futura

10. Toda conquista na evolução é o resultado natural de muito trabalho, porque o progresso tem preço. Tarefa adiada é luta maior e toda atitude negativa, hoje, diante do mal, será juro de mora ao mal de amanhã.

11. Concluindo, em que pese a diversidade de gêneros e graus de sofrimento dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura, elaborado por Allan Kardec com base nos ensinamentos dos Espíritos Superiores, pode resumir-se nestes três princípios:

1º – O sofrimento é inerente à imperfeição.

2º – Toda imperfeição, assim como toda falta dela pro-manada, traz consigo o próprio castigo em suas consequên-cias naturais e inevitáveis. Assim, a moléstia pune os exces-sos e da ociosidade nasce o tédio, sem que seja necessária uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3º – Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males con-secutivos e assegurar sua futura felicidade.

12. A cada um segundo as suas obras, seja no céu ou na Terra – tal é a lei que rege a Justiça Divina e que Jesus sintetizou com perfeição em duas lições inesquecíveis: “A cada um segundo o seu merecimento” e “Quem matar com a espada perecerá pela espada”.

Questões para fixação da leitura

1. Existem realmente o céu e o inferno?

Não. O conceito de céu e de inferno sofreu grande trans-formação com o advento da Doutrina Espírita. Não se traduz mais por regiões circunscritas de beatífica felicidade ou de sofrimentos atrozes e eternos, respectivamente. Céu e in-ferno, em essência, são um estado de alma que varia con-forme a visão interior de cada um.

2. Que podemos entender por inferno?

Inferno pode traduzir-se por uma vida de provações ex-tremamente dolorosa, com a incerteza de haver outra me-lhor. A infelicidade após a desencarnação é inerente ao grau de aperfeiçoamento moral de cada Espírito.

3. Como podemos sintetizar em poucas palavras a chamada lei de causa e efeito?

A cada um segundo as suas obras, seja no céu ou na Terra – tal é a lei que rege a Justiça Divina que Jesus sintetizou com perfeição em duas lições inesquecíveis: “A cada um segundo o seu merecimento” e “Quem matar com a espada perecerá pela espada”. As penas ou sofrimentos que cada um experimenta são dores morais e estão em relação com os atos praticados. Não existem recompensa e sofrimento gratuitos.

4. Quando alguém prejudica outra pessoa, basta-lhe o arrependimento para merecer o perdão do Senhor?

Não. O arrependimento é o primeiro passo para a regeneração, mas não basta por si mesmo. É preciso ainda a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

5. Três princípios resumem o código penal da vida futura, conforme os ensinamentos espíritas. Quais são eles?

Ei-los:

1º – O sofrimento é inerente à imperfeição.

2º – Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas suas consequências naturais e inevitáveis. Assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que seja necessária uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3º – Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar sua futura felicidade.

Livre-arbítrio e responsabilidade

Sumário: Liberdade e responsabilidade. Conceito de livre-arbítrio. O livre-arbítrio segundo os ensinamentos espíritas. Origem dos males que nos acometem. A lei de ação e reação. A semente é livre, a colheita é compulsória.

Liberdade e responsabilidade

1. Se o homem goza da liberdade de pensar, goza igualmente da liberdade de obrar. O livre-arbítrio é apanágio da criatura humana. Sem ele, o homem seria uma máquina, um robô.

2. Nas primeiras fases da vida, quase nula é a liberdade, que se desenvolve e muda de objeto com o desenvolvimento das faculdades do Espírito. A liberdade é a condição necessária da alma humana, que não poderia construir seu destino, caso não a desfrutasse.

3. A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação. É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem responsabilidade, o homem não seria mais do que um autômato, um brinquedo das forças ambientes. A noção de moralidade é, pois, inseparável da de liberdade.

O livre-arbítrio

4. Quando resolvemos fazer ou deixar de fazer alguma coisa, a nossa consciência sempre nos alerta a respeito, aprovando-nos ou censurando-nos. Apesar de essa voz íntima nos alertar, sempre usamos o que foi decidido pela nossa vontade ou livre-arbítrio. Nada nos coage nos mo-

mentos de decisões próprias, daí ser correto afirmar que somos responsáveis pelos nossos atos, que somos os construtores do nosso destino.

5. O livre-arbítrio pode ser, desse modo, definido como a faculdade que tem o indivíduo de determinar sua própria conduta, ou seja, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

6. Aceitar que seja a vida guiada por um determinismo onde todos os acontecimentos estejam fatalmente preestabelecidos é raciocinar de maneira ingênua, simplória, porque, se assim fosse, o homem não seria um ser pensante, capaz de tomar resoluções e de interferir no progresso. Seria apenas uma máquina robotizada, irresponsável, à mercê dos acontecimentos.

7. O livre-arbítrio, a livre vontade que tem o Espírito de agir, exerce-se principalmente na hora em que se prepara sua futura reencarnação. Escolhendo tal família e certo meio social, ele sabe de antemão quais são as provas que o aguardam e compreende, igualmente, a necessidade delas para desenvolver suas qualidades, reduzir ou eliminar seus defeitos, despir-se de seus preconceitos e vícios.

8. As dificuldades e vicissitudes que irá suportar podem ser também consequência de um passado nefasto, que é preciso reparar, e ele as aceita com resignação e confiança. O futuro aparece-lhe, então, não em seus pormenores, mas em seus traços mais salientes, porque sabe que ele sofrerá a influência de sua conduta na vida de relação.

A origem dos males

9. A Doutrina Espírita ensina que de duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se se preferir, promanam de duas fontes bem diferentes. Uma têm sua causa na vida presente; outras têm-nas fora desta vida.

10. Remontando à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são a consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam.

11. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição! Quantos se arruínam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder ou por não saberem limitar seus desejos! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Quantos pais são infelizes com seus filhos porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências!

12. A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem é, portanto, em grande número de casos, o causador de seus próprios infortúnios.

13. Existem, no entanto, males que se dão sem que ele, ao menos aparentemente, tenha qualquer culpa. São dores e vicissitudes cuja origem se encontra em atos praticados em existências pregressas, como, por exemplo, os acidentes que nenhuma previsão pode impedir, os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções ditadas pela prudência, os flagelos naturais, as enfermidades de nascença etc.

Ação e Reação

14. Os que nascem nessas condições, sem que nada tenham feito na atual existência para merecer tão triste sorte, colhem agora os efeitos de seus atos em existência pregressa, porquanto não há sofrimento sem causa e a lei de ação e reação, que rege a nossa vida, determina que, se somos livres na sementeira, somos escravos na colheita.

15. Deus nos permite, assim, pelo exercício do livre-arbítrio, a decisão de praticarmos o bem ou o mal, mas, a partir do momento que decidimos o que fazer, essa ação gera uma reação característica que virá mais tarde sob a forma de colheita.

16. Explicam-se, dessa forma, pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta.

Questões para fixação da leitura

1. Que é livre-arbítrio?

O livre-arbítrio pode ser definido como a faculdade que tem o indivíduo de determinar sua própria conduta, ou seja, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais opções, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

2. Qual a relação entre livre-arbítrio e responsabilidade?

A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação. É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem responsabilidade, o homem não seria mais do que um autômato, um brinquedo das forças ambientes.

3. Em que momento de nossa vida o livre-arbítrio se exerce de forma mais completa?

O livre-arbítrio, a livre vontade que tem o Espírito de agir, exerce-se principalmente quando do preparo da futura reencarnação. Escolhendo tal família e certo meio social, ele sabe de antemão quais são as provas que o aguardam e compreende, igualmente, a necessidade dessas provas para desenvolver suas qualidades, reduzir ou eliminar seus defeitos, despir-se de seus preconceitos e vícios. As dificuldades e vicissitudes que irá suportar podem ser também consequência de um passado nefasto, que é preciso reparar, e ele as aceita com resignação e confiança.

4. De que fonte promanam os males, as vicissitudes, os sofrimentos que o homem suporta?

A Doutrina Espírita ensina que as vicissitudes da vida promanam de duas fontes distintas. Umhas têm sua causa na

vida presente; outras têm-nas fora desta vida. Remontando à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são a consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam. Há, no entanto, vicissitudes que se dão sem que aparentemente tenhamos qualquer culpa. Sua origem se encontra em atos praticados em existências pregressas, como, por exemplo, os acidentes que nenhuma previsão pode impedir, os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções ditadas pela prudência, os flagelos naturais, as enfermidades de nascença etc.

5. Qual é o significado da frase seguinte: “Se somos livres na sementeira, somos escravos na colheita”?

A frase citada é uma alusão à lei de ação e reação, que rege a nossa vida e nos lembra que toda ação gera uma reação característica, que virá, mais tarde, sob a forma de colheita.

O arrependimento e o perdão

Sumário: O perdão conforme a concepção espírita. Como é o perdão de Deus. Efeitos do perdão. Maneira correta de perdoar. Remorso e arrependimento. Diferença entre expiação e reparação.

O perdão

1. Muito frequentemente interpretamos o perdão como sendo simples ato de virtude e generosidade, em auxílio do ofensor, que passaria a contar com a absoluta magnanimidade da vítima.

2. Preciso é perceber, porém, que quando conseguimos desculpar o erro, ou a provocação de alguém contra nós, exoneramos o mal de qualquer compromisso para conosco, ao mesmo tempo em que nos desvencilhamos de todos os laços suscetíveis de apresar-nos a ele.

3. Mágoa retida é doença para o Espírito, a quem corrói as forças físicas e envenena a alma. É necessário, para a própria paz, ante quaisquer ofensas, perdoar sempre. Eis por que Jesus disse a Pedro que não se deveria perdoar apenas sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

4. Há, no entanto, duas maneiras bem diferentes de perdoar. Uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter. A outra é aquela em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar. Se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas por ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: - Vejam como sou generoso!

5. Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Certamente não há nesse modo de perdoar qualquer generosidade; há tão somente uma forma de satisfazer ao orgulho.

6. No convívio familiar somos, constantemente, chamados a perdoar, porque estamos, muitas vezes, diante de antigos desafetos de outras existências, que se apresentam hoje sob a forma de cônjuge, filhos ou familiares próximos. Precisamos, por isso, muito mais de perdão dentro de casa do que na arena social, e muito mais de apoio recíproco no ambiente em que somos chamados a servir do que nas avenidas rumorosas do mundo.

7. Em auxílio a nós mesmos, temos necessidade de cultivar compreensão e apoio construtivo, no amparo sistemático a familiares e vizinhos, chefes e subalternos, clientes e associados, respeito constante à vida particular dos amigos íntimos, tolerância para com os entes amados, com paciência e esquecimento diante de quaisquer ofensas que nos assaltem o coração.

Deus perdoa?

8. Agindo assim, teremos condições de entender o perdão que Deus confere às suas criaturas, cientes de que o Criador perdoa concedendo ao devedor prazo ilimitado e facultando-lhe meios e possibilidades de resgatar o débito. Ora, que mais pode querer um devedor honesto e probo?

9. O perdão não é, portanto, uma graça concedida por Deus. Há, para recebê-lo, necessidade do arrependimento com a conseqüente rogativa de perdão. O arrependimento é a confissão íntima de violação das leis morais, revelando-se não só pela insatisfação com o ato praticado, mas pelo empenho de repará-lo e não mais incidir no mesmo cometimento.

10. O arrependimento pode dar-se por toda a parte e em qualquer tempo, mas, embora seja o primeiro passo para a regeneração, por si só não basta. É preciso acrescentar a ele a expiação e a reparação.

11. O Espiritismo ensina que o efeito do arrependimento é o de desejar o arrependido uma nova encarnação para se purificar e na qual possa expiar suas faltas. A concessão renovadora para o infrator, traduzindo o perdão divino, se efetiva com a aceitação da programação cármica pelo perdoado.

12. A expiação se cumpre durante a existência corporal, mediante as provas que o Espírito enfrenta e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais por que passa.

A reparação

13. Após a expiação dos erros passados, vem, finalmente, a reparação, que consiste em fazer o bem àqueles a quem se fez o mal. Quem não repara seus erros numa existência, achar-se-á numa existência ulterior em contacto com as mesmas pessoas a quem houver prejudicado, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

14. Praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se foi egoísta, benigno se foi perverso, laborioso se foi ocioso, útil se foi inútil, frugal se foi intemperante – trocando, em suma, por bons os maus exemplos perpetrados, o Espírito arrependido colhe desse esforço o seu próprio melhoramento e caminha a passos largos para a perfeição, meta final de todos nós.

Questões para fixação da leitura

1. Por que perdoar faz bem?

Perdoar faz bem porque, quando conseguimos desculpar o erro ou a provocação de alguém contra nós, exoneramos o mal de qualquer compromisso para conosco, ao mesmo

tempo em que nos desvencilhamos de todos os laços suscetíveis de apresar-nos a ele. Mágoa retida é doença para o Espírito, a quem corrói as forças físicas e envenena a alma. Por isso é necessário, para a própria paz, ante quaisquer ofensas, perdoar sempre. Não foi, pois, sem razão que Jesus disse a Pedro que não se deveria perdoar apenas sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

2. Qual é a maneira correta de perdoar aos que nos prejudicam?

Há duas maneiras bem diferentes de perdoar. A maneira nobre, grande, verdadeiramente generosa é a que se efetiva sem pensamento oculto e evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter.

3. Deus perdoa?

É evidente que Deus perdoa. A própria oração dominical, ensinada por Jesus, fala-nos do perdão de Deus. Ocorre que o perdão concedido pelo Pai não é exatamente o que o homem tradicionalmente tem imaginado. Deus perdoa ao devedor concedendo-lhe prazo ilimitado, meios e possibilidades de resgatar seu débito. Não é, portanto, uma graça concedida pelo Criador.

4. Como definir o arrependimento? Arrependimento e remorso são sinônimos?

O arrependimento é a confissão íntima da violação das leis morais, revelando-se não só pela insatisfação com o ato praticado, mas pelo empenho de repará-lo e não mais incidir no mesmo cometimento. O remorso pode levar o indivíduo ao arrependimento, mas não significa a mesma coisa. O efeito do arrependimento é o de desejar o arrependido uma nova encarnação para se purificar e na qual possa expiar suas faltas.

5. Existe diferença entre expiação e reparação?

Sim. A expiação se cumpre durante a existência corporal, mediante as provas que o Espírito enfrenta e, na vida

espiritual, pelos sofrimentos morais por que passa, inerentes ao seu estado de inferioridade. A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se fez o mal. Quem não repara seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contato com as mesmas pessoas a quem houver prejudicado, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

Finalidade da reencarnação e seu processo

Sumário: Objetivo da pluralidade das existências. União da alma ao corpo. Reencarnação e programação. Início e término do processo reencarnatório. Estado da alma da criança durante a gestação. O esquecimento do passado.

Finalidade da reencarnação

1. Deus criou os Espíritos simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanto para o mal. O destino de todos é a perfeição espiritual e, para atingi-la, devem passar por experiências e adquirir conhecimentos.

2. A vida na matéria propicia o aperfeiçoamento do Espírito. Ao reencarnar, os Espíritos são submetidos a situações e provas necessárias ao seu adiantamento moral. Quando erram ou não atingem os objetivos propostos, voltam a sofrer as vicissitudes da vida corporal, reencarnando em tarefa expiatória. A vida na matéria possibilita, ainda, a cooperação de cada Espírito com a Obra Divina.

3. A reencarnação está sujeita a leis imutáveis. Os processos de reencarnação, embora obedecendo aos princípios gerais estabelecidos pelas leis divinas, variam de caso para caso, conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes que houver.

União da alma ao corpo

4. A união da alma ao corpo é planejada previamente, tendo como principal determinante no nosso orbe as provas

ou expiações pelas quais o Espírito deverá passar. O reen- carnante poderá cooperar ou trabalhar ativamente nesse planejamento.

5. De acordo com o grau evolutivo em que se encontre, o Espírito poderá facilitar ou dificultar o processo de renas- cimento. Os que se detêm no desamor e no desequilíbrio reclamam maior cooperação dos benfeitores que se encar- regam do renascimento.

6. Os Espíritos rebeldes ou indiferentes têm sua reencar- nação completamente a cargo dos trabalhadores espirituais, que escolhem as condições e as experiências a que deverão submeter-se. A maioria dos que retornam ao globo é mag- netizada pelos benfeitores espirituais, que lhes organizam novas tarefas redentoras. Muitos reencarnam em estado de inconsciência.

7. Os processos de reencarnação são operações gradu- ais. A união da alma com o corpo começa na concepção, mas só se completa com o nascimento. Essa união efetua- se por meio do perispírito, envoltório fluídico que serve de ligação entre a alma e a matéria.

8. Em processo extremamente variado e complexo, o pe- rispírito é reduzido, condensado e, na sequência, se assimila às moléculas materiais. O perispírito torna-se um molde flu- ídico que age sobre o corpo em formação, juntamente com as condicionantes hereditárias, a influência mental materna e a atuação dos benfeitores no processo reencarnatório.

9. A modelagem fetal e o desenvolvimento do embrião obedecem a leis físicas naturais, qual ocorre na organização das formas em outros reinos da Natureza. Pelas necessida- des de expiação ou de provas, o corpo em formação poderá apresentar deficiências ou qualidades.

Estado da alma durante a gestação

10. No período que se estende da concepção ao nasci- mento, o estado do reen- carnante assemelha-se ao do Espí- rito encarnado durante o sono. Os Espíritos mais evoluídos

gozam de maior liberdade, mas desde o momento da concepção o Espírito sente as consequências de sua nova condição e começa a sentir-se perturbado.

11. Uma espécie de torpor, agonia e abatimento o envolve gradualmente, intensificando-se até o término da vida intrauterina. Suas faculdades vão-se velando uma após a outra, a memória desaparece, a consciência fica adormecida e o Espírito como que é sepultado em opressiva crisálida. Esse fenômeno se deve à constrição do perispírito e à sua limitação pelo corpo, que fazem com que a existência no Plano Espiritual e a consciência das existências pregressas volvam ao inconsciente.

12. O esquecimento do passado não é, contudo, absoluto. Durante o sono, liberado parcialmente dos laços corporais, o Espírito pode ter a consciência do passado, que se manifesta, em muitas pessoas, sob a forma de impressões e em algumas poucas sob a forma de recordações, umas nítidas, outras vagas e imprecisas.

13. As reminiscências do passado podem manifestar-se com tendências instintivas, simpatias inexplicáveis e súbitas, ideias inatas etc. Isso ocorre porque o movimento vibratório perispiritual, amortecido pela matéria no decurso da vida atual, é excessivamente fraco para que o grau de intensidade e a duração necessária à renovação dessas recordações possam ser obtidas durante a vigília.

Esquecimento do passado

14. A oclusão da memória espiritual não é definitiva. Com a desencarnação, liberto das contingências materiais, o Espírito poderá retomar a consciência de seu passado.

15. Esse mecanismo, que faz com que o homem esqueça suas experiências anteriores ao nascimento, é prova irrefutável da Sabedoria Divina, visto que o conhecimento total da vida passada, seja no plano físico como no Plano Espiritual, apresentaria grandes inconvenientes para a reeducação dos indivíduos e o progresso da Humanidade e implicaria maiores dificuldades ao Espírito na tarefa de transformação

de sua herança mental e, talvez, o prolongamento através dos séculos de ideias falsas, de preconceitos e teorias errôneas.

16. Na sua vida de relação o homem terá de conviver com antigos adversários, com o objetivo da reconciliação. Se os reconhecesse, encontraria dificuldades para estabelecer vínculos afetivos necessários ao atendimento mútuo. Na qualidade de ofensor poderia sentir-se humilhado e, na qualidade de ofendido, magoado ou irado. O conhecimento de um passado faustoso poderia avivar o orgulho humano, enquanto que um passado de miséria ou de erros terríveis poderia causar desnecessária humilhação e, talvez, o remorso viesse a paralisar as iniciativas no bem.

17. Para que o homem progrida espiritualmente e cumpra o programa assumido no plano físico, não é preciso lembrar-se das experiências anteriores. As tendências instintivas e, em alguns casos, o tipo de vicissitudes e provas que sofre podem esclarecê-lo sobre seu passado e sobre a natureza dos esforços que tem de fazer para sua evolução. A observação de suas más inclinações e das dificuldades por que passa permitirá que saiba o que foi, o que fez e o que necessita fazer para se corrigir.

Questões para fixação da leitura

1. Qual é o objetivo da reencarnação?

Deus criou os Espíritos simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanto para o mal. O destino de todos é a perfeição espiritual e, para atingi-la, devem passar por experiências e adquirir conhecimentos. A vida na matéria propicia o aperfeiçoamento do Espírito. Ao reencarnar, os Espíritos são submetidos a situações e provas necessárias ao seu adiantamento moral. Quando erram ou não atingem os objetivos propostos, voltam a sofrer as vicissitudes da vida corporal, reencarnando em tarefa expiatória. A vida na matéria possibilita, ainda, a cooperação de cada Espírito com a Obra Divina.

2. A reencarnação do Espírito é sempre precedida de uma programação feita no Plano Espiritual?

A união da alma ao corpo obedece a um planejamento, que tem como principal determinante em nosso mundo as provas ou expiações pelas quais o Espírito deverá passar. O reencarnante poderá cooperar ou trabalhar ativamente nesse planejamento e, de acordo com o grau evolutivo em que se encontre, poderá facilitar ou dificultar o processo de renascimento. Os que se detêm no desamor e no desequilíbrio reclamam maior cooperação dos benfeitores que se encarregam do renascimento. Os Espíritos rebeldes ou indiferentes têm sua reencarnação completamente a cargo dos trabalhadores espirituais, que escolhem as condições e as experiências a que deverão submeter-se. A maioria dos que retornam ao globo é magnetizada pelos benfeitores espirituais, que lhes organizam novas tarefas redentoras. Muitos reencarnam em estado de inconsciência.

3. Quando se iniciam e se completam os processos reencarnatórios?

Os processos de reencarnação são operações graduais: iniciam-se na concepção e se completam no nascimento. A união da alma com o corpo começa na concepção. Essa união efetua-se por meio do perispírito, envoltório fluídico que serve de ligação entre a alma e a matéria.

4. Qual é o estado da alma durante a gestação?

No período que se estende da concepção ao nascimento, o estado do reencarnante assemelha-se ao do indivíduo encarnado durante o sono. Os Espíritos mais evoluídos gozam de maior liberdade, mas desde o momento da concepção o Espírito sente as consequências de sua nova condição e começa a sentir-se perturbado. Uma espécie de torpor, agonia e abatimento o envolve gradualmente, intensificando-se até o término da vida intrauterina.

5. Por que, ao reencarnar, o Espírito não mais se lembra do passado?

O esquecimento do passado decorre do fato de que, durante a gestação, as faculdades do Espírito vão-se velando

uma após a outra, a memória desaparece, a consciência fica adormecida, e ele como que é sepultado em opressiva crisálida. O fenômeno se deve à constrição do perispírito e à sua limitação pelo corpo, que fazem com que a existência no Plano Espiritual e a consciência das existências pregressas volvam ao inconsciente. O esquecimento do passado não é, contudo, absoluto. Durante o sono, liberado parcialmente dos laços corporais, o Espírito pode ter a consciência do passado, que se manifesta, em muitas pessoas, sob a forma de impressões e em algumas poucas sob a forma de recordações, umas nítidas, outras vagas e imprecisas.

Fundamentos e consequências da reencarnação

Sumário: Necessidade da reencarnação. Quando surgiu no mundo a ideia de reencarnação. Qual o meio mais completo de comprovação da reencarnação. Consequências da admissão da doutrina reencarnacionista.

Fundamentos da reencarnação

1. A reencarnação revela a justiça divina porque mostra que Deus não permite que sejamos condenados eternamente por erros que a ignorância nos fez cometer, mas, ao contrário, abre-nos uma porta para o arrependimento.

2. Haveria, sem dúvida, grande injustiça por parte de nosso Pai e Criador se Ele não nos desse oportunidade de repararmos as faltas cometidas muitas vezes em momentos impensados, frutos de nossa cegueira e imperfeição espiritual.

3. Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provas da vida corporal. Sua justiça lhes permite, assim, realizar em novas existências o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

4. A doutrina que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus e a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatar nossos erros.

5. A doutrina da reencarnação é, por isso, eminentemente consoladora, pois faz com que o homem veja o Criador, não como um Deus vingador e parcial, mas como um

Pai amigo e justo. As pessoas têm, assim, esperança de viver dias futuros de felicidade, após a quitação das dívidas contraídas perante a Lei que rege a vida.

A reencarnação no tempo

6. Ao reencarnarmos na Crosta do mundo, recebemos com o corpo um verdadeiro tesouro, cujos valores precisamos preservar, aperfeiçoando-o.

7. A crença nas vidas sucessivas não é coisa nova, nem pertence à Doutrina Espírita. Podemos encontrá-la no âmago das grandes religiões do Oriente e nos ensinamentos de Sócrates e Platão. Oriunda da Índia, a ideia da reencarnação espalhou-se pelo mundo.

8. Muito antes de terem aparecido os grandes reveladores dos tempos históricos, ela já era formulada nos Vedas, e o Bramanismo e o Budismo nela se inspiraram. O Egito e a Grécia também a adotaram e vê-se que, à sombra de um simbolismo mais ou menos obscuro, esconde-se por toda parte a ideia da palingenesia.

Recordações de vidas passadas

9. Nos tempos modernos, eminentes sábios e pesquisadores respeitáveis puderam comprovar a veracidade da ideia reencarnacionista, como refere Gabriel Delanne em seu livro *O Fenômeno Espírita*.

10. A recordação de existências passadas tem-se mostrado um dos mais completos para provar-se a reencarnação. Léon Denis, na obra *O problema do ser, do destino e da dor*, relata diversas experiências de regressão de memória em que o *sujet* ou sensitivo alude a existências passadas vividas na Terra.

11. Dentre os relatos constantes da referida obra, é digna de nota a experiência narrada durante o Congresso Espírita de Paris de 1900 por experimentadores espanhóis. Um deles, José María Fernández Colavida, presidente do

Grupo de Estudos Psíquicos de Barcelona, referiu ali ter magnetizado um determinado médium que, além de regressar à juventude e infância, contou como foi sua vida no Plano Espiritual e em quatro encarnações anteriores.

12. O Espiritismo científico mantém, em seus arquivos, um número surpreendente de fatos que comprovam experimentalmente a veracidade da reencarnação.

13. Quatro livros constituem-se, nesse particular, em consulta obrigatória para quem quer aprofundar-se no assunto: *A Reencarnação*, de Gabriel Delanne; *A reencarnação e suas provas*, de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcante de Melo; *20 casos sugestivos de reencarnação*, de autoria de Ian Stevenson, e *Reencarnação e imortalidade*, de Hermínio Corrêa Miranda.

Consequências da reencarnação

14. A doutrina reencarnacionista, comprovada experimentalmente, só traz benefícios para aqueles que a aceitam, porque graças a ela a alma entende claramente qual é o seu destino, que é a ascensão para a mais alta sabedoria, para a luz mais viva. A equidade governa o mundo; nossa felicidade está em nossas mãos; deixa de haver falhas no Universo, sendo seu alvo a Beleza e seus meios, a justiça e o amor.

15. Dissipa-se, assim, todo temor quimérico, todo o terror do Além. Em vez de recear o futuro, o homem saboreia a alegria das certezas eternas. Confiado no dia seguinte, multiplicam-se-lhe as forças, e seu esforço para o bem se centuplica, porque, antes de tudo, ele sabe por que vive e qual é o seu futuro.

Questões para fixação da leitura

1. Por que a reencarnação é necessária?

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provas da vida corporal. Como uma única existência não é suficiente para atingir a meta, que é a perfeição, Deus lhes permite realizar em novas existências o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

2. Onde e em que época surgiu a ideia da reencarnação?

A crença nas vidas sucessivas não é coisa nova, nem pertence à Doutrina Espírita. Ela se encontra no âmago das grandes religiões do Oriente e nos ensinamentos de Sócrates e Platão. Oriunda da Índia, a ideia da reencarnação espalhou-se pelo mundo e muito antes de terem aparecido os grandes reveladores dos tempos históricos ela já era formulada nos Vedas. O Bramanismo e o Budismo nela se inspiraram, o Egito e a Grécia também a adotaram e vê-se que, à sombra de um simbolismo mais ou menos obscuro, esconde-se por toda parte a ideia da palingenesia.

3. Qual é, segundo os clássicos do Espiritismo, o meio de comprovação da reencarnação mais completo?

A recordação de existências passadas tem-se mostrado um meio, senão o melhor, pelo menos um dos mais completos para provar-se a reencarnação. Léon Denis, na obra *O problema do ser, do destino e da dor*, relata diversas experiências de regressão de memória em que o *sujet* ou sensitivo alude a existências passadas vividas na Terra. Dentre os relatos constantes da referida obra, é digna de nota a experiência narrada durante o Congresso Espírita de Paris de 1900 por experimentadores espanhóis. Um deles, José María Fernández Colavida, presidente do Grupo de Estudos Psíquicos de Barcelona, referiu ali ter magnetizado um determinado médium que, além de regredir à juventude e infância, contou como foi sua vida no Plano Espiritual e em quatro encarnações anteriores.

4. Podemos considerar comprovada a doutrina reencarnacionista?

Sim. O Espiritismo científico mantém, em seus arquivos, um número surpreendente de fatos que comprovam experimentalmente a veracidade da reencarnação. Quatro livros constituem-se, nesse particular, em consulta obrigatória para quem quer aprofundar-se no assunto: *A Reencarnação*, de Gabriel Delanne; *A reencarnação e suas provas*, de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcante de Melo; *20 casos sugestivos de reencarnação*, de autoria de Ian Stevenson, e *Reencarnação e imortalidade*, de Hermínio Corrêa Miranda.

5. Que consequências da admissão da doutrina reencarnacionista advêm para o homem?

A doutrina reencarnacionista só tem trazido benefícios para aqueles que a aceitam. Graças a ela, a alma vê claramente seu destino, que é a ascensão para a mais alta sabedoria, para a luz mais viva. A equidade governa o mundo; nossa felicidade está em nossas mãos; deixa de haver falhas no Universo, sendo seu alvo a Beleza e seus meios, a justiça e o amor. Dissipa-se, assim, todo temor quimérico, todo o terror do Além. Em vez de recear o futuro, o homem saboreia a alegria das certezas eternas. Confiado no dia seguinte, multiplicam-se-lhe as forças, e seu esforço para o bem se centuplica, porque, antes de tudo, ele sabe por que vive e qual é o seu futuro.

Justiça e necessidade da reencarnação

Sumário: Renascimento e evolução. Objetivo da pluralidade das existências. Diferença entre reencarnação e ressurreição. As inúmeras moradas da casa do Pai.

Renascimento e evolução

1. A alma, depois de residir temporariamente no plano espiritual, reencarna na condição humana, trazendo consigo a herança, boa ou má, do seu passado. Reaparece então na cena terrestre para quitar as dívidas que contraiu, conquistar novas capacidades que facilitarão a sua ascensão e acelerar a marcha para a frente.

2. Não se pode compreender que o Espírito, destinado à perfeição, consiga realizar todo o seu progresso numa só existência corpórea. Os próprios fatos do dia a dia repelem tal ideia. Devemos ver na pluralidade das existências a condição necessária de sua educação e seu progresso. É à custa do próprio esforço, de suas lutas, de seus sofrimentos, que ele se redime do seu estado de ignorância e inferioridade e se eleva, de degrau em degrau, a caminho das inúmeras habitações do Universo. Somos assim, hoje, o resultado das experiências vividas no passado, como seremos, amanhã, o produto das nossas ações de agora.

3. Nem todas as almas têm a mesma idade, nem todas alcançaram com o mesmo passo seu estágio evolutivo. Um percorreram uma carreira imensa e aproximaram-se já do apogeu dos progressos terrestres; outras mal começaram seu ciclo de evolução no seio da humanidade. Estas são as almas jovens, emanadas há menos tempo do Foco Eterno. Chegadas à Humanidade, elas tomam lugar entre os povos selvagens ou entre as raças bárbaras que povoam os

continentes atrasados, as regiões deserdadas do globo. E quando, afinal, penetram em nossas civilizações, ainda se deixam facilmente conhecer pela falta de desembaraço, de jeito, por sua incapacidade para todas as coisas e, principalmente, por suas paixões violentas.

Objetivo das encarnações sucessivas

4. No encadeamento de nossas estações terrestres, continua a completar-se a obra grandiosa de nossa educação, a edificação de nossa individualidade, de nossa personalidade moral. É por essa razão que a alma tem de encarnar sucessivamente nos meios mais diversos, em todas as condições sociais. E passando alternadamente pelas provas da pobreza e da riqueza, pelas experiências da renúncia e do trabalho, é que ela irá compreendendo a transitoriedade dos bens materiais e desenvolvendo valores espirituais superiores.

5. São necessárias as existências de estudo, as missões de dedicação, de caridade, por vias das quais se ilustra a inteligência e o coração se enriquece com a aquisição de novas qualidades. Virão depois as existências de sacrifício pela família, pela pátria, pela humanidade, e ocorrerão, por certo, existências em que o orgulho e o egoísmo serão abafados através das provas dolorosas de resgate do passado de erros.

Reencarnação e ressurreição

6. A reencarnação ou palingenesia fazia parte dos dogmas dos judeus sob o nome de ressurreição. Só os saduceus (seita judia formada por volta do ano 248 a.C., fundada por Sadoc), cuja crença era de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. Os judeus entendiam que um homem que vivera podia reviver, sem saber precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam com o nome de ressurreição o que o Espiritismo chama reencarnação. Ressurgir em um corpo que já se acha com seus elementos

dispersos ou absorvidos é, como sabemos, cientificamente impossível.

7. Reencarnação é a volta do Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo formado especialmente para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas.

8. Quando Jesus disse a Nicodemos: "Em verdade, em verdade, te digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo", ante a estranheza do senador dos judeus que não entendia como tal situação poderia ocorrer, Jesus replicou como que surpreendido: "Como pode isso fazer-se? Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas, se não credes quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos falo das coisas do céu?" (João, 3:1 a 12). O Mestre quis mostrar, com tais palavras, que a reencarnação era um fato óbvio, natural, inerente à evolução do próprio homem.

Há muitas moradas na casa do Pai

9. Não encarnamos e reencarnamos apenas no planeta Terra, mas em diferentes mundos. As existências que aqui passamos não são as primeiras nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição, porque a reencarnação nos diferentes mundos guarda relação com o grau evolutivo desses mundos.

10. A constituição do perispírito está em função da natureza de cada mundo. Passando por transformações sucessivas, torna-se cada vez mais etéreo, até a depuração completa, que é a condição dos Espíritos puros.

11. A encarnação, tal como ocorre na Terra, observa-se também nos mundos inferiores. Nos mundos superiores, no entanto, onde imperam o sentimento de fraternidade, estando seus habitantes livres das paixões grosseiras que

ocorrem em mundos atrasados, os Espíritos gozam de uma encarnação bem mais feliz e nenhum temor têm da morte.

12. A duração da existência corpórea nos diferentes mundos guarda proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a dominá-lo. É essa uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos das criaturas à medida que elas progredem.

Questões para fixação da leitura

1. As almas têm a mesma idade?

Nem todas as almas têm a mesma idade, nem todas alcançaram com o mesmo passo seu estágio evolutivo. Uma percorreram uma carreira imensa e aproximaram-se já do apogeu dos progressos terrestres; outras mal começaram seu ciclo de evolução no seio da humanidade. Estas são as almas jovens, emanadas há menos tempo do Foco Eterno. Chegadas à humanidade, tomam lugar entre os povos selvagens ou entre as raças bárbaras que povoam os continentes atrasados, as regiões deserdadas do globo. E quando, afinal, penetram em nossas civilizações, ainda se deixam facilmente conhecer pela falta de desembaraço, de jeito, por sua incapacidade para todas as coisas e, principalmente, por suas paixões violentas.

2. A que se deve o progresso alcançado pelos Espíritos em sua trajetória evolutiva?

Ao seu próprio esforço, às lutas, aos sofrimentos, às vicissitudes que enfrentam. É assim que eles se redimem do seu estado de ignorância e inferioridade e se elevam, de degrau em degrau, a caminho das inúmeras habitações do Universo. Podemos, portanto, afirmar que somos hoje o resultado das experiências vividas no passado, como seremos, amanhã, o produto de nossas ações de agora.

3. Há diferença de conteúdo entre os vocábulos reencarnação e ressurreição?

Sim. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não a aceitavam. Os judeus acreditavam que um homem que vivera na Terra podia reviver, sem saber precisamente de que maneira o fato podia dar-se. Designavam com o nome de ressurreição o que o Espiritismo chama reencarnação. Ressurgir em um corpo que já se acha com seus elementos dispersos ou absorvidos é cientificamente impossível. A reencarnação é a volta do Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo formado especialmente para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas.

4. Onde cumprimos as diferentes existências corpóreas indispensáveis ao nosso progresso?

O Espiritismo ensina que não encarnamos e reencarnamos apenas no planeta Terra, mas em diferentes mundos. As existências que aqui passamos não são as primeiras nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição, porque a encarnação nos diferentes mundos guarda relação com o grau evolutivo desses mundos.

5. Existe diferença entre encarnar num planeta atrasado e encarnar num planeta como Júpiter?

A encarnação, tal como ocorre na Terra, observa-se também nos mundos inferiores. Nos mundos superiores, no entanto, onde impera o sentimento de fraternidade, estando seus habitantes livres das paixões grosseiras que ocorrem em mundos atrasados, os Espíritos gozam de uma encarnação bem mais feliz e nenhum temor têm da morte. É o que se dá com os que vivem em Júpiter, que é, segundo Kardec, um planeta bem superior ao nosso.

Diferentes categorias de mundos habitados

Sumário: Povoamento dos mundos. Constituição física dos diversos planetas. As diferentes categorias dos mundos habitados. Posição evolutiva do planeta Terra.

Povoamento dos mundos

1. Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos eles para o objetivo final da Providência. Acreditar que só haja pessoas no planeta que habitamos é duvidar da sabedoria de Deus, que não faz coisa alguma inútil. Certamente, a esses mundos o Pai há de ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Nada, aliás, existe, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir à suposição de que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos trilhões de mundos semelhantes.

2. Quando Jesus disse: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver também vós aí estejais" (João, 14:1 a 3), o Mestre estava ensinando-nos o princípio da pluralidade dos mundos habitados, de uma maneira cristalina, para não deixar dúvidas.

3. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.

A constituição física dos diversos planetas

4. Não é a mesma a constituição física de cada mundo e, conseqüentemente, a constituição dos seus habitantes. Cada mundo oferece aos que o habitam condições adequadas e próprias à vida planetária. As necessidades vitais num planeta poderão não ser as mesmas, e até opostas, noutro.

5. O mundo que habitamos faz parte de um séquito de planetas e asteroides que acompanham o Sol em sua viagem pela vastidão incomensurável do espaço. Mesmo assim, as distâncias entre os planetas que formam o nosso sistema planetário são imensas. Para se ter uma singela ideia disso, enquanto a Terra gasta aproximadamente 365 dias para promover uma volta ao redor do Sol, existem planetas que gastam para completar uma revolução ao redor do mesmo Sol entre 88 dias e 25 anos terrestres.

6. Nosso sistema planetário não ocupa, porém, senão um ponto ínfimo no universo. Ele pertence a um agrupamento estelar, ou galáxia, chamada Via-Láctea, onde existem bilhões de estrelas, algumas das quais tão grandes, mas tão grandes, que uma só ocupa espaço igual ao ocupado pelo Sol e quase todos os planetas que este arrasta consigo. A estimativa mais recente feita pelos astrônomos revela que existem na Via-Láctea cerca de 400 bilhões de estrelas.

Classificação dos mundos habitados

7. Dos ensinamentos dados pelos Espíritos resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há planetas em que seus habitantes são inferiores, física e moralmente, aos da Terra. Outros possuem a mesma categoria que o nosso e muitos lhe são mais ou menos superiores.

8. Nos mundos inferiores, a existência é toda material e as paixões reinam soberanas, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que nos mundos mais adiantados a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

9. Não é possível fazer uma classificação absoluta das categorias dos mundos habitados, mas Kardec nos oferece uma que nos permite uma visão geral sobre o assunto:

Mundos primitivos – Nos mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana, a vida, toda material, se limita à luta pela subsistência, o senso moral é quase nulo e, por isso mesmo, as paixões reinam soberanas. A Terra já passou por essa fase.

Mundos de expiação e provas – Nesses mundos o mal predomina. É a atual situação da Terra, razão por que aqui vive o homem a braços com tantas misérias.

Mundos de regeneração – São mundos em que as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta.

Mundos ditosos ou felizes – São os planetas onde o bem sobrepuja o mal e, por isso, a felicidade impera.

Mundos celestes ou divinos – São as habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem, visto que todos que aí vivem já alcançaram o cume da sabedoria e da bondade.

Questões para fixação da leitura

1. Jesus referiu-se em algum momento de suas pregações à existência de outros mundos habitados?

Sim. Quando o Mestre disse: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar", ele estava ensinando-nos o princípio da pluralidade dos mundos habitados, de uma maneira cristalina, para não deixar dúvidas.

2. É a mesma a constituição física dos diferentes globos que circulam no Universo?

Não. As diferentes moradas a que Jesus se referiu correspondem ao adiantamento dos Espíritos que nelas se encarnam. Em função disto, diversa é a constituição física de cada mundo e, conseqüentemente, a constituição dos seus habitantes.

3. Existem em outros planetas indivíduos moralmente inferiores aos habitantes da Terra?

Sim, do mesmo modo que há em determinados planetas Espíritos superiores aos que habitam a Terra.

4. Segundo o Espiritismo, como podem ser classificados os diferentes mundos habitados?

Os mundos que circulam no espaço infinito classificam-se em cinco categorias: mundos primitivos, mundos de expiação e provas, mundos de regeneração, mundos ditosos ou felizes e mundos celestes ou divinos.

5. Dentre os diversos planetas existentes no Universo, qual é a situação da Terra?

Planeta ainda muito novo, a Terra está, segundo o Espiritismo, situada na categoria de mundo de expiação e provas, razão pela qual o homem vive aqui a braços com tantas misérias.

Mundos transitórios e esferas espirituais

Sumário: Finalidade dos mundos transitórios. Regiões ou esferas espirituais. Distinção entre mundos transitórios e regiões espirituais. Kardec e os mundos transitórios. Comunidades redimidas. Regiões espirituais vizinhas da crosta terrestre.

Finalidade dos mundos transitórios

1. Mundos transitórios são lugares destinados particularmente aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de campos onde descansam de uma longa erradicidade, estado esse sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermediárias graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde gozam de maior ou menor bem-estar.

2. Os mundos transitórios não se prestam à encarnação de seres corpóreos, porque estéril é neles a superfície e os que os habitam de nada precisam. Essa esterilidade é, contudo, transitória. A Terra, por exemplo, já foi um mundo transitório durante a sua formação. Hoje é um planeta de expiação e provas, prestando-se, portanto, à encarnação e reencarnação de Espíritos necessitados de passar pelas vicissitudes que o planeta oferece.

Regiões ou esferas espirituais

3. Vizinhas à Crosta da Terra, no plano extrafísico, existem regiões ou esferas espirituais de diferentes graus evolutivos, caracterizando-se desde simples postos a verdadei-

ras cidades espirituais. Essas regiões dividem-se gradativamente em lugares de sofrimento e ignorância até aqueles onde o Espírito, em estado de maior entendimento, é feliz. Considerando a penitência em sua feição expiatória, existem numerosos lugares de provações na esfera para nós invisível, destinados à regeneração e preparo de entidades perversas ou renitentes no crime, a fim de conhecerem as primeiras manifestações do remorso e do arrependimento, etapas iniciais da obra de redenção. Estas fazem parte das chamadas zonas inferiores.

4. A série "Nosso Lar" esclarece-nos a respeito dessas diversas regiões espirituais. Na obra *Libertação*, cap. 4, há referência a uma cidade situada "no vasto domínio das trevas", limítrofe com a Terra, assim descrita por André Luiz: "A claridade solar jazia diferenciada. Fumo cinzento cobria o céu em toda a sua extensão. A volitação fácil se fizera impossível. A vegetação exibia aspecto sinistro e angustiado. As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a ideia de braços erguidos em súplicas dolorosas. Aves agoureiras, de grande tamanho, de uma espécie que pode ser situada entre os corvídeos, crociavam em surdina, semelhando-se a pequenos monstros alados espiando presas ocultas. O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos semelhante a outros de meu conhecimento, e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos. Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons".

5. No livro *Voltei*, de Irmão Jacob, o autor fala-nos de uma colônia espiritual situada em esferas mais elevadas: "A estrada que percorríamos marginava-se de flores, algumas delas como que talhadas em radiosa substância, o que convertia a paisagem numa cópia do firmamento. Árvores próximas pareciam cobertas de estrelas. A que país, afinal, fora eu arrebatado pela morte? Teria subido a Terra ao Céu ou teria o Céu baixado para a Terra? Vi desdobrar-se ante meus olhos enlevados a paisagem florida e brilhante de um burgo feliz. Atravessávamos extensas e formosas avenidas margi-

nadas por vegetação caprichosa e linda, quando tive o contentamento de ver alguns pássaros marcados por peregrina beleza. Cantavam estáticos, glorificando a Divindade”.

Kardec e os mundos transitórios

6. Seriam os mundos transitórios, de que os Espíritos Superiores falaram a Kardec, essas mesmas colônias ou regiões espirituais que André Luiz descreve? Evidente que tais colônias ou regiões são destinadas aos Espíritos desencarnados ainda necessitados de reencarnações (portanto, Espíritos errantes) e intimamente ligados ao nosso planeta pelas ações cometidas no pretérito.

7. O fato de os Espíritos que participaram da elaboração d’*O Livro dos Espíritos* terem afirmado que a Terra foi um mundo transitório na sua formação planetária levou Kardec a dizer: "Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais? Tê-los-ia Deus feito unicamente para nos recrearem a vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que esplende em todas as suas obras e inadmissível desde que ponderemos na existência de todos os que não podemos perceber”.

8. Segundo Emmanuel, podemos conceituar de três maneiras, para efeito de estudo, a palavra “moradas” mencionada no Evangelho de Jesus:

a) Os mundos que formam o Universo, onde outras humanidades realizam a marcha evolutiva.

b) As diversas zonas espirituais superiores ou inferiores, além das fronteiras físicas, onde a vida palpita com a mesma intensidade das metrópoles humanas.

c) Os vários departamentos da mente, onde se demoram pensamentos e reações, dramas e tragédias, anseios e realidades do Espírito.

9. Ninguém poderá imaginar quantos mundos habitados realmente existem, mas nenhum espírita põe em dúvida que inúmeras humanidades vivem nesses mundos, felizes uns, infelizes outros. Os departamentos da mente são outras tantas "moradas individuais", como repositório das realizações mais ou menos felizes das inteligências encarnadas ou desencarnadas.

Comunidades redimidas

10. No que toca às diversas regiões espirituais, sabemos que comunidades redimidas habitam zonas mais elevadas da espiritualidade, às quais obreiros dedicados são periodicamente conduzidos em processo estimulante do esforço pessoal. Em faixas vibratórias mais ligadas à Terra estacionam, temporariamente, almas ainda vinculadas às sensações e problemas da vida física, uma vez que o peso específico de suas organizações perispirituais apresenta certa densidade que não lhes permite lograr grandes ascensões.

11. Os chamados mundos transitórios, como o nome indica, não teriam a superfície física eternamente estéril. Como tudo no Universo evolui, eles e os Espíritos são submetidos à lei do progresso. Os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los a fim de irem para onde devam ir. Figuremo-los como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.

12. Podemos então concluir que os mundos transitórios fazem parte dos corpos celestes espalhados pelo Universo,

podendo ser um planeta, um satélite ou algo similar. Já as regiões espirituais, também denominadas zonas, colônias ou esferas, dizem respeito às coletividades desencarnadas existentes no plano espiritual e vinculadas a esse ou àquele planeta.

13. O campo magnético da Terra seria, por exemplo, dividido em sete esferas: 1 – o Umbral “grosso”; 2 – o Umbral médio; 3 – o Umbral superior, onde se localiza “Nosso Lar”; 4 – região da arte, da cultura e da ciência; 5 - região do amor fraterno universal; 6 – diretrizes do planeta; 7 – abóbada estelar, conforme descrito no livro *Cidade no Além*, cap. IV, de Heigorina Cunha.

Questões para fixação da leitura

1. Que são mundos transitórios e a que se destinam?

Mundos transitórios são mundos destinados particularmente aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de campos onde descansam de uma longa erraticidade, estado esse sempre um tanto penoso.

2. A crosta da Terra é rodeada de regiões ou esferas espirituais?

Sim. Vizinhas à crosta terrestre, no plano extrafísico, existem regiões ou esferas espirituais de diferentes graus evolutivos, caracterizando-se desde simples postos a verdadeiras cidades espirituais. Essas regiões dividem-se gradativamente em lugares de sofrimento e ignorância até aqueles onde o Espírito, em estado de maior entendimento, é feliz.

3. Regiões espirituais e mundos transitórios são expressões equivalentes?

Não. Os mundos transitórios fazem parte dos corpos celestes, espalhados pelo Universo, podendo ser um planeta,

um satélite ou algo similar. Já as regiões espirituais, também denominadas zonas, colônias ou esferas, correspondem às coletividades desencarnadas existentes nos planos dos Espíritos e vinculadas a esse ou àquele planeta.

4. Emmanuel atribui à palavra “moradas” mencionada no Evangelho três conceitos diferentes. Quais são eles?

Ei-los:

1. Mundos que formam o Universo, onde outras humanidades realizam a marcha evolutiva.

2. As diversas zonas espirituais superiores ou inferiores, além das fronteiras físicas, onde a vida palpita com a mesma intensidade das metrópoles humanas.

3. Os vários departamentos da mente, onde se demoram pensamentos e reações, dramas e tragédias, anseios e realidades do Espírito.

5. Quantas e quais são as regiões espirituais circunvizinhas à Crosta terrena?

De acordo com o livro *Cidade no Além*, cap. IV, de Heigorina Cunha, o campo magnético da Terra seria dividido em sete esferas: 1 – o Umbral “grosso”; 2 – o Umbral médio; 3 – o Umbral superior, onde se localiza “Nosso Lar”; 4 – região da arte, da cultura e da ciência; 5 - região do amor fraterno universal; 6 – diretrizes do planeta; 7 – abóbada estelar.

A Terra: planeta de provas e expiações

Sumário: Destinação atual da Terra e seus habitantes. Tipos de progresso que experimentam os planetas. A destinação futura da Terra. A geração futura. A transição para mundo de regeneração.

A Terra e seus habitantes

1. Vimos em ocasião anterior que os mundos dividem-se em cinco categorias e que nos chamados mundos de expiação e provas, que é a atual condição da Terra, o mal predomina.

2. Na Terra, diz Santo Agostinho (Espírito), os Espíritos em expiação são, se assim se pode dizer, seres estrangeiros, indivíduos que já viveram em outros mundos, de onde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levavam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram.

3. É por isso que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. E é também por esse motivo que para essas raças de mais amargor se revestem os infortúnios da vida.

4. Importante lembrar, contudo, que nem todos os Espíritos que se encarnam neste planeta vêm para ele em expiação. Os povos chamados selvagens são formados de Espíritos que apenas saíram da infância espiritual e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se

desenvolverem pelo contacto com Espíritos mais adiantados.

5. Vêm em seguida as coletividades semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso, as quais são, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aqui se elevaram pouco a pouco, em longos períodos seculares.

Destinação futura da Terra

6. A felicidade não pode existir ainda na Terra porque, em sua generalidade, as criaturas humanas se encontram endividadas, intoxicadas, despreparadas, e não sabem contemplar a grandeza das paisagens que as cercam no planeta. Mas é encarnando-se neste globo que a criatura edifica as bases da sua ventura real, pelo trabalho e pelo sacrifício, a caminho das mais sublimes aquisições para o mundo divino de sua consciência.

7. Um dia a Terra sairá do estágio de expiação e provas e passará para a condição de mundo de regeneração, porquanto nosso mundo está, como tudo na Natureza, submetido à lei do progresso.

8. A Terra progride, assim, material e moralmente. Materialmente ou fisicamente, pela transformação dos elementos que a compõem. Moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que a povoam. Esses progressos se realizam paralelamente, visto que o melhoramento da habitação guarda relação com o aprimoramento do habitante.

9. Fisicamente, o globo terráqueo tem experimentado transformações que o vêm tornando sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Para que a felicidade impere na Terra torna-se preciso, pois, que somente a povoem Espíritos bons, que somente ao bem se dediquem.

A geração futura

10. Havendo chegado o tempo, grande migração se verifica entre os planetas. Os que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, não mais sendo dignos do planeta transformado, são dele excluídos, porque sua presença constituiria obstáculo ao progresso.

11. Irão tais Espíritos expiar, dessa forma, o endurecimento de seus corações em mundos inferiores, ou em grupos étnicos moralmente mais atrasados. Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

12. A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de cataclismos que aniquilem de súbito uma geração.

13. Cada geração desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela reencarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.

14. A época atual é de transição; confundem-se os elementos de duas gerações. Colocados no ponto intermédio, assistimos à partida de uma e à chegada de outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelos caracteres que lhe são peculiares.

15. Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distinguirá por inteligência e razão geralmente precoces, juntas ao sentimento inato do bem e à crença espiritualista, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior.

16. A destinação imediata da Terra, segundo o Espiritismo, é tornar-se mundo de regeneração. Continuando, porém, no seu progresso ininterrupto, ela ascenderá a planos cada vez mais altos, até chegar à perfeição a que todos nós – planetas e pessoas – estamos destinados.

Questões para fixação da leitura

1. Por que na Terra o homem vive a braços com tantas misérias?

Como já vimos anteriormente, os mundos dividem-se em cinco categorias e nos chamados mundos de expiação e provas, que é a atual condição da Terra, o mal predomina. Essa é a razão por que neste planeta o homem vive a braços com tantas misérias.

2. Quem são os habitantes do planeta Terra?

Há na Terra, segundo Santo Agostinho (Espírito), três grupos de Espíritos: os que se encontram em regime de expiação, que já viveram em outros mundos; os que chamamos selvagens, Espíritos que apenas saíram da infância espiritual e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contacto com Espíritos mais adiantados, e, por fim, os povos semicivilizados, constituídos desses mesmos Espíritos em via de progresso e que são, de certo modo, criaturas que vivem há muito tempo na Terra e que aqui se elevaram pouco a pouco, em longos períodos seculares.

3. Que tipo de progresso experimentam os planetas?

Os planetas progredem material e moralmente. Materialmente, pela transformação dos elementos que os compõem. Moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que os povoam. Esses progressos se realizam paralelamente, visto que o melhoramento da habitação guarda relação com o aprimoramento do habitante.

4. Qual é a destinação futura da Terra?

A Terra sairá, um dia, do estágio de expiação e provas e passará para a condição de mundo de regeneração, porquanto este globo está, como tudo na Natureza, submetido à lei do progresso. Do ponto de vista material, o globo terá que experimentar transformações que o vêm tornando sucessivamente habitável por seres cada vez mais

aperfeiçoados, mas, para que a felicidade impere na Terra, torna-se preciso que somente a povoem Espíritos bons, que somente ao bem se dediquem.

5. De que modo se operará a transformação de nosso planeta?

A Terra não terá de transformar-se por meio de cataclismos que aniquilem de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.

Fim

Bibliografia

- BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo Básico*.
- BÍBLIA. *Deuteronômio*, 18:10-12.
- BÍBLIA. *Levítico*, 19:31 e 20:27.
- CALLIGARIS, Rodolfo. *As Leis Morais*.
- CALLIGARIS, Rodolfo. *Páginas de Espiritismo Cristão*.
- CAMARGO, Pedro de (Vinícius). *Na Seara do Mestre*.
- CUNHA, Heigorina. *Cidade no Além*.
- DELANNE, Gabriel. *A Reencarnação*.
- DELANNE, Gabriel. *O Fenômeno Espírita*.
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*.
- DENIS, Léon. *Depois da Morte*.
- DENIS, Léon. *No Invisível*.
- DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*, tradução em português de *The History of Spiritualism*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis. *As leis morais da vida*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Joanna de Ângelis. *Estudos espíritas*.
- FRANCO, Divaldo P. Por Marco Prisco. *Glossário Espírita Cristão*.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*.
- KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Introdução ao Livro dos Espíritos, por J. Herculano Pires. Lake Editora.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*.

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, edição de dezembro de 1868.

PERALVA, Martins. *O Pensamento de Emmanuel*.

PIRES, José Herculano. *O Espírito e o Tempo*.

REFORMADOR, O. *Lembrando Kardec*, edição de outubro de 1980.

THIESEN, Francisco e WANTUIL, Zêus. *Allan Kardec*.

WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o Espiritismo*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Mecanismos da Mediunidade*.

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por Hilário Silva. *Almas em desfile*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Libertação*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Missionários da luz*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *No Mundo Maior*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Nos Domínios da Mediunidade*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Alma e coração*.

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Justiça Divina*.

- XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *O Consolador*.
- XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Religião dos Espíritos*.
- XAVIER, Francisco Cândido. Por Espíritos diversos. *Ideias e ilustrações*.
- XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Evolução em dois mundos*.
- XAVIER, Francisco Cândido. Por Irmão Jacob. *Voltei*.
- XAVIER, Francisco Cândido. Por Irmão X. *Cartas e crônicas*.